



# NAMORO CRISTÃO

RUMO À MATURIDADE NO AMOR

Laura Martins

**Laura Martins**

# **NAMORO CRISTÃO**

**RUMO À MATURIDADE NO AMOR**

Edições  
**SHALOM**

**Coordenação Geral:**

João Edson Oliveira Queiroz

**Coordenação Editorial:**

Carol de Castro

**Edição e Revisão:**

Amanda Cividini

**Capa:**

Secretaria de Criação

Comunidade Católica Shalom

**Desenvolvimento:**

Vivianne Alves de Sousa

**Edições Shalom**

Estrada de Aquiraz - Lagoa do Junco

CEP: 61.170-000 - Aquiraz/CE | Tel.: (0xx85) 3308.7465

[www.livrariashalom.org/](http://www.livrariashalom.org/) - [comercialedicoes@comshalom.org](mailto:comercialedicoes@comshalom.org)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-7784-206-3

1º Edição: 2017

© EDIÇÕES SHALOM, Aquiraz, Brasil, 2017.

# APRESENTAÇÃO

Devemos à antropologia de São João Paulo II a visão renovada das vocações pessoais – formas de vida – compartilhada nos nossos dias pelos jovens em processo de discernimento vocacional, famílias, sacerdotes e celibatários. Há trinta anos, quando se falava de discernir vocações se estava referindo prioritariamente a ser sacerdote. A antropologia de Karol Wojtilla e o Magistério de João Paulo II escancararam aos jovens a belíssima realidade de necessitarem discernir a forma de vida com que Deus os convidava a santificar-se.

O matrimônio deixou de ser caminho quase inevitável e passou a ser uma opção entre as três possíveis: sacerdócio (para os rapazes), matrimônio e celibato consagrado. Já desde o Vaticano II, com a afirmação de que todos os batizados (e não somente os sacerdotes e religiosos) são chamados à santidade, o matrimônio havia retomado seu valor no caminho de santificação dos leigos, mas foi com São João Paulo II que ele despontou como um estado de vida tão belo, nobre e santificador quanto os outros dois. A partir da *Familiaris Consortio*, o matrimônio passou a ser considerado excelente caminho de santificação entre os cônjuges, os filhos, outras famílias e a sociedade.

Admitido nas novas realidades eclesiais, em especial as comunidades novas, em situação de igualdade com o sacerdócio e o celibato, o matrimônio passou a ser visto como complementar e santificador das outras duas formas de vida. Além da visão eclesial milenar de que é o reflexo da Trindade Santa e a figura de Cristo que desposa Sua Igreja, passou a ser visto como espelho da Paternidade de Deus Pai de quem procede toda paternidade humana.

Hoje temos clareza de que o matrimônio *não* é para os que têm a carne fraca e “não aguentam” os apelos carnavais, como rezava a ultrapassada interpretação de 1Cor 7,7. Pelo contrário, a partir da leitura hodierna do mesmo texto, trata-se de um carisma dado por Deus aos fortes, aos violentos de coração, dispostos a morrer cada dia para si mesmos por amor a Deus, à Igreja, à humanidade e à sua família. Em tal contexto, as exigências da vida matrimonial deixaram de ser vistas como um empecilho à santidade e ação evangelizadora e passaram a ser consideradas excelente oportunidade de testemunhar a alegria e a beleza da fé, a caridade da acolhida e o anúncio de Jesus Cristo.

Complementar à forma de vida do celibato consagrado, o matrimônio é visto, na Igreja de hoje, como agente santificador do celibato e chave de leitura para sua fecundidade espiritual. Ao mesmo tempo, é santificado pelos celibatários que com ele convivem em enriquecimento recíproco e profícuo apostolado. Ficaram para trás, definitivamente, os



estereótipos de que o casado é fraco e “não aguentou” viver castamente e o de que o celibatário é o que “não encontrou ninguém para casar-se”. No contexto eclesial pós Vaticano II delineia-se, cada vez mais claramente, o perfil feliz e cheio de louvor dos casados e celibatários que encontraram na Pessoa de Cristo a razão de sua vida e de sua vocação pessoal.

O mesmo se pode dizer do sacerdócio que, no contexto trinitário expresso pela complementariedade dos três estados de vida, renuncia a si mesmo – como o Cristo – e, Nele reconcilia os homens entre si e com a Igreja, santificando-os pelos sacramentos e congregando-os em um só Corpo. Ficou definitivamente ultrapassado o conceito de padres condenados à solidão das sacristias e ao vazio das casas paroquiais. O sacerdócio complementa e é complementado pelas famílias e celibatários. Santifica-os e por eles é santificado. Com eles oferta a vida, com eles desenha uma face nova, jovem, cheia de vitalidade, esperança e amor pastoral dessa maravilhosa Igreja cujos membros têm cheiro de ovelha, como afirma o amado Papa Francisco.

Diante das três formas de vida que se complementam, esclarecem, enriquecem e santificam mutuamente, o jovem de hoje vê-se não mais diante de uma “sina” que se lhe impõe, mas frente a três caminhos atraentes e maravilhosos, fascinantes e santificadores, libertadores e servidores, como o de Cristo. Surgem, então, perguntas honestas de quem deseja amar a Deus de todo coração: “Como discernir a vontade de Deus para mim com relação ao estado de vida?” e, “Uma vez discernido a forma de vida que é vontade divina para mim, como percorrer santamente esse caminho em meio ao ambiente hostil à vivência da castidade e da obediência a Deus e à Igreja?”<sup>1</sup>

*Namoro cristão: rumo à maturidade no amor* traz o fruto de oração, reflexão e vivência de 32 anos da Comunidade Shalom sobre a amizade como caminho para o namoro santo, o namoro como caminho para o noivado santo, o noivado como caminho para o matrimônio santo e este como caminho de e para a santidade no amor e serviço a Deus, à Igreja e aos homens. Resume-se assim a tão falada e pouco conhecida “caminhada”, que nada mais é senão uma peregrinação rumo ao Céu e que encontra seus correspondentes na caminhada para os votos definitivos no celibato consagrado e na caminhada para o Sacramento da Ordem.<sup>2</sup>

Como consagrada na Comunidade Shalom e psicopedagoga, sempre envolvida no serviço da formação pessoal e aconselhamento de jovens e casais, Ana Laura Martins presta, através deste livro, inestimável serviço de reflexão, orientação e propostas para orações e ações a dois durante a amizade, o namoro e noivado, sempre com vista à santidade e santificação recíproca na caminhada para o cumprimento humilde, feliz e grato da vontade de Deus e a santificação na caminhada rumo ao Céu.

São Rafael, que guiou Tobias e Sara no feliz cumprimento da vontade de Deus, abençoe os esforços da Comunidade para produzir este livro e a caminhada de todos os que o lerem com o coração desejoso de ser fiel ao Senhor e Seus desígnios.

Maria de Nazaré, doce Esposa de José, Virgem Castíssima e Prudentíssima, Mãe de

todo jovem que busca a verdade, ilumine-nos com sua própria caminhada obediente, fundada na fé, na esperança e no amor. Shalom!

**Maria Emmir Oquendo Nogueira**  
Cofundadora da Comunidade Católica Shalom

Agradecemos Deus e às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que esse livro fosse construído, com orientações, correções, sugestões e apoio: Goretti, Moysés, Emmir, Gaelle, Cristina, Amanda, Teka, Eduardo, Luisa Nara e Rodielson.

Consagramos à Nossa Senhora Rainha da Paz tudo o que o Senhor deseja realizar nos corações através deste trabalho, pedindo a Sua intercessão materna.

# INTRODUÇÃO

Este livro é um percurso formativo para jovens e adultos da Comunidade Shalom ou de outras comunidades e grupos de oração que já discerniram seu estado de vida e desejam preparar-se melhor para realizá-lo através da caminhada, do namoro e do noivado, rumo ao Sacramento do Matrimônio.

Pretendemos que seja também um auxílio aos formadores pessoais e comunitários neste caminho de discernimento e amadurecimento dos formandos, em vista de edificarem famílias novas, segundo o coração de Deus.

É um livro interativo, em que a pessoa é motivada a refletir, a questionar-se, e a autoavaliar-se sob a luz de Deus, fonte e autor do amor. Também propõe a partilha entre o casal e os formadores, acompanhadores ou diretores espirituais, em vista do amadurecimento pessoal e enquanto casal.

A intimidade com Deus pela oração, o autoconhecimento e a busca da maturidade humana são os pontos de partida nesta caminhada de fé e coerência cristã, rumo à realização do estado de vida no Sacramento do Matrimônio.

Nem sempre a caminhada de namoro levará ao noivado e ao matrimônio. Mas, certamente, levará os dois, com a graça de Deus, a crescerem na capacidade de relacionar-se, na maturidade humana e numa vida cristã mais frutuosa.

Que a Sagrada Família de Nazaré caminhe com todos os que se decidirem a trilhar este percurso proposto.



# PARTE I

## **CONHECE-TE A TI MESMO...**

# CAPÍTULO 1

## **MATURIDADE HUMANA: ALICERCE PARA RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS**

Atualmente, as pessoas têm cada vez menos tempo para entrar em si mesmas e aprofundar o autoconhecimento tão necessário para o amadurecimento humano. A ausência da maturidade leva o indivíduo a estabelecer relacionamentos superficiais e sem consistência. A instabilidade própria dos imaturos, certamente pode levar a rupturas nas relações, especialmente quando estas se intensificam no convívio cotidiano, como é o caso dos casais. Possivelmente, aí pode estar uma das razões de tantas separações conjugais precoces. Por isso, iniciamos este livro tratando sobre o tema da maturidade afetiva.

### **Maturidade afetiva na vida a dois**

Dom Rafael Llano Cifuentes faz uma excelente reflexão sobre a importância da maturidade afetiva para a manutenção da união conjugal feliz. Ele afirma que a afetividade permeia toda a personalidade da pessoa. Estamos continuamente sentindo aquilo que pensamos e fazemos. Desta forma, qualquer distúrbio da vida afetiva acaba por impedir ou, pelo menos, enterrar o amadurecimento da personalidade como um todo.

Observa-se isso claramente no fenômeno de “fixação na adolescência”. O adolescente caracteriza-se por uma afetividade egocêntrica e instável; essa característica, quando não superada na natural evolução da personalidade, pode sofrer uma “fixação”, permanecendo na vida adulta: este é um dos sintomas da imaturidade afetiva.

Na sociedade atual, cheia de avanços científicos, pouco se tem progredido no conhecimento das profundezas do coração: “Vivemos hoje o drama de um desnível gritante entre o fabuloso progresso técnico e científico e a imaturidade quase infantil no que diz respeito aos sentimentos humanos” (CIFUENTES).

Mesmo em pessoas de alto nível intelectual, ocorre um autêntico analfabetismo afetivo, diz Cifuentes: “São indivíduos truncados, incompletos, malformados, imaturos;

estão preparados para trabalhar de forma eficiente, mas são absolutamente incapazes de amar”.

Tal desproporção tem consequências devastadoras: “Basta reparar na facilidade com que as pessoas se casam e se ‘descasam’, ‘juntam-se’ e se separam. Dão a impressão de reparar apenas nas expressões afetivas e de não aprofundar nos valores do coração humano e nas leis do verdadeiro amor”. (CIFUENTES)

## **A imaturidade no amor**

“Hoje, considera-se a satisfação sexual aut centrada como a expressão mais importante do amor. Não o entendia assim o pensamento clássico, que considerava o amor da mãe pelos filhos como o paradigma de todos os tipos de amor: o amor que prefere o bem da pessoa amada ao próprio. Este conceito, perpassando os séculos, permitiu que até um pensador como Hegel, que tem pouco de cristão, afirmasse que ‘a verdadeira essência do amor consiste em esquecer-se no outro’”. (CIFUENTES)

Na nossa época, bem diferente é o conceito de amor que se cultua. Parece que se retrocedeu a uma espécie de adolescência da humanidade, no qual o que mais conta é o prazer. Esse fenômeno tem inúmeras manifestações. Edifica-se a vida sentimental sobre uma base pouco sólida e confunde-se amor com namoricos, atração sexual com enamoramento profundo.

“Todos conhecemos algum ‘Don Juan’: um mestre na arte de conquistar e um fracassado à hora da abnegação que todo o amor exige. Incapazes de um amor maduro, essas pessoas nunca chegam a assimilar aquilo que afirmava Montesquieu: ‘É mais fácil conquistar do que manter a conquista’”. (CIFUENTES)

A pessoa imatura idealiza a vida afetiva e exalta o amor conjugal como algo extraordinário e maravilhoso, como nos contos de fadas. O amor é uma tarefa árdua de melhora pessoal, durante a qual se burilam os defeitos próprios e os que afetam o outro cônjuge. Quando a pessoa imatura converte o outro num absoluto, sofrerá consequências desestruturantes. “É natural que ao longo do namoro exista um deslumbramento que impede de reparar na realidade, fenômeno que Ortega y Gasset designou por ‘doença da atenção’, mas também é verdade que o difícil convívio diário coloca cada qual no seu lugar; a verdade aflora sem máscaras, e, à medida que se desenvolve a vida ordinária, vai aparecendo a imagem real”. (CIFUENTES)

No imaturo, o amor fica aprisionado numa visão meramente romântica. Nessa fase de deslumbramento, não aprofunda o olhar real que o convívio conjugal vai desvendando. Se o amor é aprofundado, as divergências que se descobrem acabam por serem superadas; quando é superficial, por ser imaturo, provocam conflitos e, frequentemente, rupturas.

Quando há imaturidade afetiva, a pessoa desconhece que os sentimentos não são

estáticos, mas dinâmicos. São abertos ao crescimento e devem ser cultivados no viver cotidiano. Ao contrário da pessoa imatura, a pessoa consciente, madura, sabe que o amor se constrói dia após dia, lutando para corrigir defeitos, contornar dificuldades, evitar atritos e manifestar sempre afeição e carinho.

Os imaturos são egocêntricos, querem antes receber do que dar. Quem é imaturo quer que todos sejam como uma peça integrante da máquina da sua felicidade. Ama somente para que os outros o satisfaçam. Amar para ele é uma forma de satisfazer uma necessidade afetiva, sexual, ou uma forma de autoafirmação. “O amor acaba por tornar-se uma espécie de ‘grude’ que prende os outros ao próprio ‘eu’ para completá-lo ou engrandecê-lo” (CIFUENTES). Tal forma de “amar” acaba sendo um modo transferido de egoísmo, desemboca na frustração e procura cada vez mais atrair os outros para si, fazendo os outros, progressivamente, afastarem-se dele. Acaba abandonado por todos, porque ninguém quer submeter-se ao seu pegajoso egocentrismo; ninguém quer ser apenas um instrumento da felicidade alheia.

## **Reciprocidade**

Os sentimentos são caminhos de ida e volta; deve haver reciprocidade. A pessoa imatura acaba sempre se queixando da solidão que ela mesma provocou por falta de espírito de renúncia. “A nossa sociedade esqueceu quase tudo sobre o que é o amor. Não há felicidade se não há amor e não há amor sem renúncia. Um segmento essencial da afetividade está tecido de sacrifício. Algo que não está na moda, que não é popular, mas que acaba por ser fundamental”. (CIFUENTES)

O imaturo pretende introduzir o outro no seu projeto pessoal de vida, ao invés de tentar contribuir com o outro num projeto construído em comum. A felicidade do cônjuge, da família e dos filhos: esse é o projeto comum do verdadeiro amor. As pessoas imaturas não compreendem que a dedicação aos filhos constitui um fator importante para a estabilidade afetiva dos pais. Também precisam compreender que uma família cristã participa de um plano maior: o Plano de Deus de Salvação da Humanidade. Portanto, não pode viver centralizada somente no horizonte estreito da família. Mas participar de forma comprometida com a construção do Reino de Deus e também educar os filhos nesta perspectiva.

## **A maturidade humana promove o ajustamento conjugal**

Quando refletimos sobre a importância da maturidade afetiva do casal, podemos constatar que a maturidade humana, de modo geral, é essencial para alicerçar um relacionamento a dois, e isto se constrói ao longo da vida do indivíduo. O ajustamento conjugal é um processo contínuo e que se desenvolve ao longo da vida a dois, uma vez que a pessoa humana é um ser único e complexo, que sofre mudanças ao longo das fases

de sua vida. Esse processo de ajustamento é conquistado através da maturidade humana dos dois.

Sabe-se, porém, que a maturidade humana é um processo, e, assim como o domínio de si, também não é algo definitivamente adquirido, ou perfeitamente concluído. Falamos aqui de traços da maturidade humana para que possamos identificar como estamos e em que aspectos precisamos crescer para melhor assumir nossa vida, nossa vocação e, assim, prepararmos-nos para a vida a dois em vista da construção de uma família santa e feliz.

Serão apresentadas, a seguir, algumas características importantes que sinalizam a maturidade na pessoa. Respeitando as devidas peculiaridades da história individual, bem como da educação familiar e de situações psíquicas especiais que não serão abordadas aqui, relacionamos os aspectos mais gerais que delineiam a personalidade madura.

- **Alteridade: é parâmetro evolutivo**, linha ao longo da qual se dá o desenvolvimento psicológico, afetivo, relacional e sexual do ser humano. É a capacidade de ir em direção ao outro, ao diferente de si mesmo e, com ele, relacionar-se positivamente, no dom de si, aceitando com serenidade as diferenças. É a partir deste parâmetro adotado pelo psicólogo e teólogo Pe. Amedeo Cencini que serão referidas as características da personalidade madura, bem como alguns sinais da personalidade imatura.

- **A sexualidade madura** supõe a abertura ao diferente de si mesmo, a flexibilidade e o acolhimento a essas diferenças, como comenta Cencini: “Comporta a diversidade que gera complementaridade, enriquecendo reciprocamente os envolvidos, provocando um impulso à liberdade interior e à criatividade. Nessa dimensão, há crescimento nas virtudes, respeito mútuo e abertura aos outros”.

- **Capacidade de renúncia**, que começa a ser exercitada e fortalecida através da vivência da castidade. Castidade concebida como desejo e esforço em direção ao próprio bem e do outro, em favor daquilo que é mais construtivo, que é o melhor para o outro, para si e para os outros.

A castidade deve nos levar a aprender a semear o bem à nossa volta, ou seja, a vida deve ser fecunda espiritualmente, consciente de que o bem próprio, se realmente é um bem, será um bem para o outro e para todos. Para isso, precisamos aprender a viver a própria sexualidade como força criativa, como energia vital, como busca do Bem, que, em síntese, é o próprio Deus e Seu plano de amor para a humanidade.

- **Estabilidade emocional nos relacionamentos**. É uma característica das pessoas maduras. Isto não significa que não se tenha momentos de irritabilidade, teimosia, mau humor e outros sentimentos naturais na pessoa. Porém, a maturidade está em buscar a consciência de nossas reações não desejáveis, suas origens e o esforço de resolvê-las sem prejuízos aos outros e a nós mesmos.

- **Autonomia moral: motivação interna para agir corretamente.** Comporta-se como convém não porque existe uma lei que o obriga ou porque tem medo da censura dos outros, mas porque tem convicção dos valores que escolheu livremente assumir em sua vida. Encontrarmos dentro de nós sinais de inclinação para o mal (egoísmo, ira, inveja, ciúme, ambição, orgulho e outras coisas semelhantes. Cf. Gal 5,19-23). É natural, pois somos feridos pelo pecado original. Porém, na pessoa madura, convicta de suas escolhas, há esta sadia luta pelo bem, e a busca de abandonar e reparar o mal, quando há uma queda.

- **Perceber os próprios sentimentos e refletir** sobre o que querem nos dizer, pois podem estar sinalizando situações que precisam ser mais bem elaboradas em nossa vida, em nossa história.

- **Identidade sexual firmada**, que deve se expressar por uma sadia masculinidade e feminilidade – nos gestos, nas escolhas das amizades, nos interesses cotidianos, nos referenciais que elege como modelo de identificação, nas reações diante dos desafios e de outras situações inesperadas. Essa identidade firmada ajudará fundamentalmente na vivência a dois, em que um será a ajuda adequada para o outro e ambos poderão imprimir segurança afetiva na educação dos filhos.

- **Capacidade de diálogo**, que se estabelece a partir da aceitação das diferenças, do respeito pelo outro, da capacidade empática (de colocar-se no lugar do outro para melhor compreendê-lo). A maturidade manifesta-se também na maneira como a pessoa faz suas ressalvas ou críticas ao outro. A crítica será mais facilmente aceita e será mais construtiva se for feita com amor, brandura, apreciação, encorajamento e boas sugestões. Quem sabe dialogar também sabe tirar proveito dos próprios erros e das críticas e sugestões do outro.

O diálogo também comporta a habilidade na resolução de conflitos normais entre os seres humanos. No diálogo, também é necessária a abertura ao perdão e à reconciliação, a flexibilidade e a busca honesta do que é o melhor naquele momento.

- **Tolerância:** tolerar os defeitos do outro, sua irritabilidade, seu cansaço, seus esquecimentos, seus pontos de vista às vezes arbitrários. Ela é fundamental para a resolução de conflitos e para a convivência fraterna. É necessário conhecer os limites do outro e discernir com sabedoria e serenidade aquilo que pode ser mudado por um esforço pessoal, o que necessitará de uma graça divina especial, ou até de um milagre. A paciência é irmã da esperança. E ambas são alimentadas pela fé e pela oração.

- **Generosidade:** refere-se à sensibilidade e à capacidade de se dar aos outros sem avareza, sem centralizar-se no desejo de gratificações. Isso exige menos individualismo e egocentrismo nos relacionamentos.

- **Desprendimento:** atitude fundamental para qualquer existência civilizada. Ter

capacidade de focalizar a atenção no que é essencial, desprendendo-se daquilo que é secundário, ou irrelevante, ou circunstancial. Ex.: Às vezes, se faz um “cavalo de batalha” por uma expressão inadequada dita pelo outro num momento de descontrole emocional e se esquece todas as outras qualidades suas e o bem que nos faz; relevar os “incidentes de percurso” em vista do que é mais importante ajuda significativamente a manter a paz e a harmonia conjugal.

- **Compartilhar maus momentos:** espírito de comunhão fraterna nas alegrias, nos sofrimentos e nos desafios do outro e dos próprios, expandindo o coração também aos irmãos à nossa volta.

- **Resiliência** para enfrentar as normais e inevitáveis adversidades da vida; capacidade de superação positiva das adversidades. O fruto do Espírito é longanimidade, ou seja, disposição positiva para lidar com as dificuldades em vista de crescer (cf. Gal 5,19-25).

É também a capacidade de adaptar-se ao que não se pode mudar no outro: “Senhor, dá-me forças para mudar o que pode ser mudado, graça para aceitar o que não pode ser mudado, e sabedoria para saber a diferença”.

Auxiliado pela graça de Deus, reage com serenidade diante das circunstâncias desagradáveis, desapontamentos e adversidades, pois “sabe em quem colocou a sua confiança” (cf. 2Tm 1,12). Busca acalmar-se quando alguma coisa não acontece exatamente como esperávamos e desejávamos. Uma pesquisa mostra que um dos problemas mais comuns nos relacionamentos cotidianos é permitir que coisas triviais nos irritem até o ponto de ebulição (cf. Pr 17.1;21.19).

A capacidade de superação dos obstáculos em vista do essencial transforma as dificuldades e as fragilidades em degraus para avançar em direção a alteridade, no total e alegre abandono no amor de Deus, evitando os degraus para descer ao fechamento, à melancolia e à desconfiança do amor de Deus.

- **A pessoa madura aceita crítica e honestamente** avalia o seu procedimento, busca ajuda adequada para realizar as mudanças necessárias. Entende que as sugestões do outro são parte do plano de Deus para aperfeiçoá-lo. O imaturo tenta justificar suas falhas e culpa o outro ou o próprio Deus. Toma a crítica como afronta pessoal e se defende irado. O imaturo está mais interessado em proteger o próprio ego do que em crescer.

- **Respeito:** é como uma moeda, tem dois lados – respeito a si e aos outros. Se eu não tiver respeito próprio, não vou inspirar o respeito do outro. Se eu não respeito, também não serei respeitado. As relações só serão fraternas se houver respeito mútuo. É necessário abandonar atitudes, como o machismo, a arrogância, o orgulho de classe e cultura, e uma série de outras doenças do Ego.

- **Admiração:** é a disposição de reconhecer as virtudes da outra pessoa, nutrindo o



respeito e a santa busca de alcançá-las também, ao invés de invejar ou desvalorizar suas conquistas.

- **Sadia autonomia:** refere-se à capacidade de expressar-se, de forma tranquila e caridosa, mesmo que desagrade ao grupo ou à autoridade e também às pessoas que amo.

- **Aceitação de si** (não inclui o pecado): saber que seu corpo, cérebro e habilidades lhe foram dados por Deus para propósitos específicos (cf. Sl 139.13-16; 1Cor 4.7). Se é bem sucedido, não fica orgulhoso; se comete erros ou falha, não fica desencorajado; ao contrário, alimenta uma atitude de humildade. As comparações, ares de superioridade ou complexo de inferioridade geram tensões nos relacionamentos.

O autossuficiente e soberbo induz o outro a se defender (diante de críticas ou acusações), justificando-se, fechando-se ao outro. O complexado, inferiorizado, gera insegurança, desanima, cansa, desconfia do outro ou dos outros, e fere-se facilmente.

As duas atitudes são infantis, porém, quem aprende a se aceitar nos seus limites, tem mais facilidade para aceitar o outro como ele é, e isto será um passo decisivo para o bom relacionamento conjugal e social.

- **Responsabilidade:** faz o que tem que fazer, começa e termina; é cumpridor dos seus deveres e obrigações e, portanto, uma pessoa em quem se pode confiar. Não fica nas alegadas boas intenções, não quebra suas promessas, é confiável.

Demonstra apreço pelos outros e cuidado com cada um. Percebe os limites dos irmãos, seus cansaços e respeita-os, como também percebe os próprios limites e se respeita. O imaturo reclama, desiste, justificando-se ou faz pela metade, sem cuidado.

Busca o que é bom para todos, sabe que o esforço para amar e fazer o outro feliz resulta em grande satisfação. Ao fazer a felicidade do outro, encontramos a nossa própria felicidade.

Os relacionamentos em que a pessoa experimenta frequentemente sentimentos de desconfiança, competição, ciúme, ira, dominação, dependências, fechamentos, ou outros fatores que destroem as relações, são indícios de que as relações estão precisando ser saneadas pelo perdão, o respeito mútuo e a caridade.

A maturidade nos leva à coragem do autoconhecimento, à serenidade diante das fraquezas e a humildade para reconhecer os dons e acolher mudanças a serem conquistadas.

- **Dar à vida espiritual sua prioridade:** maturidade espiritual que leva a ser coerente com o sentido de vida, atenção às prioridades que estabelece em seu cotidiano, sinceridade na vida espiritual, convicção e seriedade na realização da missão pessoal.

Tudo isto no justo equilíbrio (pela prática da temperança), sem prejuízos às obrigações de estado (deveres familiares com o cônjuge e os filhos) e à própria saúde, pois ela é necessária à realização dos desígnios de Deus no que se refere à missão pessoal e familiar.

### **Alguns traços da sexualidade imatura**

Apresentamos, a seguir, algumas características da sexualidade imatura, segundo Pe. Amedeo Cencini:

- **Fixação:** recusa a crescer. Ciúme infantil na vivência de uma amizade, de um relacionamento a dois, no exercício de liderança, junto aos seus colaboradores. A pessoa que apresenta essa característica tende a liderar de forma autoritária e possessiva. No campo sexual, apresenta curiosidade sexual – olhar nunca saciado, imagens e sensações ilusórias de gratificação, sonha com o “fruto proibido”, como adolescentes.

- **Regressão:** reação ao presente com atitudes do passado. Tentam readaptar modos de agir e de se relacionar típicos do próprio passado. Ex.: busca ansiosa de um afeto reconfortante quando experimenta um momento de solidão, de conflito relacional, sem a proteção de determinadas estruturas e se refugia na busca de outras compensações.

- **Sexualidade desprovida de mistério:** vivência superficial e banal, ou pobre em termos de alteridade. Ou seja, predominantemente egocêntrica. Há um vazio de sentido: na sexualidade humana está inscrito, de certo modo, o sentido da vida, dom recebido de Deus a ser partilhado na sua riqueza.

- **Não acredita que a sexualidade vem de Deus,** que possa fornecer energias importantes para a vida espiritual e que nela viva o Espírito de Deus.

- **Não concebe que a sexualidade madura é a capacidade de relação com o diferente,** com o não-amável. Sem essa dimensão, o esforço ascético (para viver a castidade, para relacionar-se) se esvazia de sentido e não gera a alegria da doação de si e da aceitação das diferenças como uma riqueza a ser compartilhada.

- **Negação dos próprios sentimentos,** com a tendência de espiritualizar demasiadamente os fatos, podendo a sexualidade se tornar um gigante adormecido que, ao acordar, pode provocar grandes desastres. Ex.: os jovens que sonham demasiadamente e mantêm um relacionamento cheio de fantasias escondem as próprias fragilidades, apresentando-se com máscaras que ruirão diante dos primeiros desafios da vida a dois. Estes vivem, portanto, numa sutil falsidade existencial.

- **Imaturidade que não encontrou espaço e nem arejamento suficientes na relação com os outros.** Espaço de liberdade interior que lhe permita ser mais autêntico em suas relações com as pessoas. Ainda não possui sua vida nas próprias mãos para, assim, ser capaz de doá-la livremente ao outro. Ex.: desejo excessivo de agradar as

pessoas que lhe interessam, preocupação exagerada com a própria imagem.

- **O endurecimento é uma das características do imaturo**, pois o egocentrismo vai tornando-o insensível aos outros. No endurecimento esconde a incapacidade de relacionar-se com o outro, levando-o também ao fechamento.

- **Vulnerabilidade excessiva**, que causa dependência afetiva. É a pessoa frágil diante dos impulsos e pressões externas. Agir sempre em atenção aos próprios sentimentos e impulsos é um tipo de idolatria. Caracteriza-se pela busca exagerada de apoios, de aprovação, de autoafirmação, de estar em seu próprio centro ou nele colocar alguém ou um grupo. Ex.: apego excessivo à família de origem, especialmente à figura materna ou paterna, que poderá influenciar significativamente na vida a dois do jovem casal.

- **Negação do “tu”**: fechamento à aproximação das pessoas, incapacidade de desfrutar da alegria alheia, de apreciar o outro, de compartilhar de sua vida, apesar de estar vivendo uma dor. Tendência para a seletividade nas relações em vista de seus interesses e necessidades, conduzindo aos poucos à agressividade e à negligência. Neste ponto, até a oração se tornará fria e vazia, pois é centrada em si.

- **Mecanismos de compensação**: por se sentir insatisfeito consigo mesmo, uma vez que temos a necessidade intrínseca de amar e de ser amados autenticamente, o imaturo busca mecanismos de compensação que o façam “esquecer” o vazio interior. Ex.: pode ocorrer o abuso de alimentos, de álcool ou de outras substâncias, acumulação de dinheiro e objetos, ostentação de superioridade e autossuficiência, protagonismo e busca narcisista do próprio êxito, autocomplacência sutil no sentir-se interessante ou competente, ou virtuoso.

- **Grosseria no trato**, especialmente com os mais próximos.

- **Racionalismo excessivo** que entrava o crescimento na fé e na espiritualidade e a consequente mediocridade no modo de viver.

- **Desleixo** geral ou requinte excessivo no estilo de vida. A sobriedade, ou seja, o equilíbrio é uma característica da personalidade madura.

- **Pouco cuidado com o ambiente** em que vive (harmonia e beleza) e na organização pessoal básica.

- **Falta de criatividade apostólica**, quando já existe um engajamento na comunidade de fé, claro.

## **O autoconhecimento indispensável**

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, que é amor pleno, é capaz de amar e de crescer neste amor. Por isso, a pessoa tende sempre ao crescimento, ao

amadurecimento nesta capacidade de doar-se ao outro.

Contamos também com nossas inclinações egoístas, fruto do pecado original (cf. Gn 3,1-13). Daí, na caminhada desta vida, carregamos imperfeições e traços de imaturidade que podem se manifestar em nossas atitudes nesta ou naquela situação. Por isso, é essencial desenvolver a capacidade de autopercepção para se autoconhecer e crescer na capacidade de relacionar-se com os outros e até com o próprio Deus, fonte do amor pleno.

O autoconhecimento nos fará, progressivamente, perceber nossas debilidades e aprender a superá-las ou mantê-las sob o domínio da vontade, com a graça de Deus, que deve ser buscada por uma vida cristã autêntica. Este processo de autoconhecimento é fundamental para se construir um matrimônio feliz, mesmo no contexto dos desafios inerentes a qualquer relacionamento regular e duradouro. É daí que virá um bom ajustamento conjugal. E, quando se trata da educação de filhos, o ajustamento conjugal se torna uma condição indispensável para educar bem, uma vez que a harmonia do casal gera segurança, ternura e firmeza no exercício do educar.

Como podemos perceber, a maturidade humana é fundamental para construir uma família feliz. É um processo que exige coragem, interioridade (vida interior), humildade, esforço pessoal e perseverança, sabendo que não caminhamos sozinhos. Temos a Deus, que nos ama incondicionalmente, e aqueles que Ele coloca em nosso caminho para ser a “ajuda adequada” de que precisamos.

Apresentamos a seguir um questionário elaborado por Dom Rafael Llano Cifuentes que trata do tema da maturidade, no livro do mesmo título, e que nos ajudará a rever nossa vida. Ele define maturidade como o acabamento das virtudes, consideradas globalmente como “o nexo de união entre todas elas”, como a expressão visível dessa unidade de vida que traz coerência e harmonia aos diversos aspectos da nossa personalidade. Dedique um tempo adequado para refletir e rezar sobre essas questões (possivelmente um retiro pessoal). Depois partilhe com o seu formador pessoal/acompanhador os frutos de sua oração.

1. Dedico um tempo diário à reflexão pausada sobre os acontecimentos da minha vida e as minhas reações perante eles? Transformo essa reflexão num diálogo com Deus, para compreender o sentido divino que todas as coisas têm?

2. Faço um breve exame de consciência para ir incorporando as lições do dia que está prestes a acabar? Nesse exame, procuro focar com clareza os erros cometidos, formulando o propósito expresso e firme de não repeti-los no dia seguinte?

3. Graças a esses meios vou adquirindo um conhecimento claro, realista e sereno dos defeitos e limitações do meu caráter? Estabeleço um plano de combate, a longo prazo, que me permita superar essas dificuldades?

4. Adquiri, pela reflexão e pedindo conselho, uma serena consciência do sentido da

minha vida e da missão que, nas minhas circunstâncias, Deus espera que eu realize? Ponho todos os meios para ordenar minha vida de acordo com essa missão?

5. Evito com firmeza os devaneios sentimentais e imaginativos, bem como os nervosismos, o atabalhoamento, as correrias destrambelhadas? Reflito sempre antes de agir? Pergunto a mim mesmo: “O que faria Cristo se estivesse no meu lugar? Que quer Deus de mim nesta tarefa?”.

6. Corto decididamente os ressentimentos, a autopiedade e o vitimismo, quando surgem no meu íntimo? Esforço-me por perdoar e compreender sempre aqueles que me cercam, quando me parece ter sido vítima de um descaso ou de uma ofensa?

7. Luto por manter o meu temperamento dominado, sem soltar as rédeas naquilo de que gosto: comida, formas de lazer, hobbies?

8. Corto decididamente as tentações da sensualidade e da preguiça? Evito relacionamentos, conversas, olhares, leituras, acesso a sites que possam perturbar a limpidez dos meus sentimentos ou a fidelidade aos meus compromissos?

9. Cumpro sempre o dever de cada momento, ainda que me custe ou me seja desagradável? Faço sempre o meu trabalho da melhor forma que sou capaz, pondo nele todas as minhas forças intelectuais e físicas?

10. Evito os adiamentos? Empreendo decididamente aquilo que vejo ser o correto? Tenho este propósito bem claro: “O que me propus devo cumpri-lo mesmo no que parece pequeno”?

11. Aceito com paciência e alegria as pequenas contrariedades de cada jornada? Evito firmemente as queixas e lamúrias, tendo presente que a imaturidade de uma pessoa pode muito bem ser medida pelo número de suas queixas? Substituo sempre que posso os desabafos por sorrisos?

12. Esforço-me por ser objetivo, sem me deixar levar por sentimentalismos baratos ou perfeccionismos desnecessários? Evito o “chute” e as expectativas sem fundamento?

13. Aceito serenamente, sem azedume nem amargura, as limitações da realidade: a falta de tempo, os defeitos e limitações dos outros, as oposições que necessariamente haverão em qualquer coisa que eu empreenda?

14. Empenho todas as energias necessárias para alcançar as metas que me proponho, sem esmorecer diante dos atrasos e contrariedades? E depois sei esperar serenamente, com a consciência de que as coisas saem quando Deus quer ou permite que saiam?

15. Medito nas consequências que terão as minhas decisões? Peço conselho a quem é capaz de me ajudar pela sua experiência, conhecimento e sabedoria? Tenho “jogo de cintura”, sem insistir com teimosia e casmurrice naquilo que me parece importante? Penso habitualmente nos outros, nas suas necessidades e preocupações? Pondero o melhor modo de ajudá-los? Lembro de “acontecimentos importantes de sua vida, dos seus gostos e interesses e procuro proporcionar-lhes pequenas alegrias”?

16. Cumpro os compromissos que assumi com as outras pessoas, sem exceções, sem desculpas? Sou esmeradamente fiel à palavra dada?

17. Sei sacrificar-me silenciosamente, com um sorriso e sem ares de mártir, pelo bem dos outros, nas coisas pequenas e grandes? Sei proceder assim sem pedir recompensa de espécie alguma, um dia após o outro, dando-me por muito bem pago com que Deus o veja?

18. Compreendo que, pelo Batismo, Deus me chamou à santidade, e que é nisso que consiste a maturidade que Ele e as pessoas esperam de mim?

19. As palavras “compromisso”, “sacrifício”, “magnanimidade” repelem-me ou me seduzem e inspiram? Aprendi a concretizá-las em pequenos gestos, passo a passo?

20. Descubro permanentemente algum novo ponto em que ainda sou imaturo? Qual é o defeito dominante do meu caráter? Com que energia combato e supero? Ou tenho um “querer sem querer”, como um adolescente?

21. Sou sereno?

22. Tenho constantemente diante dos olhos a humanidade de Cristo, pela leitura meditada do Evangelho? Vejo que Ele é perfeito Deus e homem perfeito, comprometido até o fim com a Sua missão de resgate e libertação do ser humano, generoso e amável, paciente e compreensivo, humilde e audaz, transparente e discreto?

23. Busco nos sacramentos da Confissão e da Eucaristia as forças que me faltam para adquirir virtudes bem amadurecidas e sólidas?

24. Procuro estar sempre atento às inspirações do Espírito Santo, sem me fechar no narcisismo e no autodeslumbramento? Estou disposto a corresponder aos apelos de Deus, até o fim da vida, tendo presente que Ele deseja conduzir-me ao estado de “homem perfeito, à estatura da maturidade de Cristo” (cf. Ef 4,13)?

Tais questionamentos apresentados por Cifuentes, longe de nos desanimar, devem ajudar-nos a perceber em que precisamos crescer, e, com confiança na graça de Deus, prosseguirmos no caminho do amadurecimento, tão importante à realização dos Seus desígnios em nossa vida.

## CAPÍTULO 2

### A SEXUALIDADE CASTA

#### O que é a sexualidade humana?

*“Modo de se relacionar e se abrir aos outros, abrangendo, assim, a identidade e a personalidade da pessoa. A sexualidade tem como fim intrínseco o amor, mais precisamente o amor como doação e acolhimento, como dar e receber.” (Amedeo Cencini)*

*“A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo amor, que é o único a torná-la verdadeiramente humana.” (São João Paulo II)*

Viver o amor implica em ser casto, implica em exercer a alteridade. É capacidade de ir em direção ao outro, ao diferente de si mesmo, e, com ele, relacionar-se positivamente, no dom de si, aceitando com serenidade as diferenças. Como já referimos, a alteridade é parâmetro evolutivo: linha ao longo da qual se dá o desenvolvimento psicológico, afetivo, relacional e sexual do ser humano.

#### “Tu me deste um corpo...”

Toda obra tem o seu criador e tem uma finalidade. Essa verdade precisa ser acolhida e assumida por nós: “Meu Criador é Deus. Eu sou obra de Deus e a minha existência é um ato da Sua vontade. Ele amorosamente me criou. O dom da minha vida é original, único, eterno. Sou filho eterno de Deus, redimido em Jesus”.

Então, meu corpo é templo de Deus e de minha alma. Tudo o que faço com o meu corpo repercute na minha alma. Assim como a alma santa transfigura o corpo, o rosto, os gestos, o olhar...

O pecado contra a castidade tem repercussões em meu ser inteiro (corpo, mente e espírito). Esta afirmação é facilmente constatada quando refletimos um pouco mais profundamente sobre o comportamento não casto. Abusar do prazer traz consequências



que são sentidas pela mente, pelo psiquismo, pela alma e pelo corpo. Consideremos um jovem que tem abusado do prazer através do sexo (pornografia, masturbação, atos sexuais). Esse jovem sofre uma centralização do ego que passa a sintonizar o mundo na cata de oportunidades de obter prazer. Nesse caso, seu olhar sobre a realidade e as pessoas é superficial e egocêntrico.

Essa forma de se relacionar com as pessoas e o mundo à sua volta terá repercussões na sua mente (que está sob condicionamentos) e sua alma, que ficará meio amortecida para a atenção e o doar-se aos outros. Uma consciência assim relaxada vivenciará a espiritualidade e os valores cristãos com grandes esforços ou até mesmo nem conseguirá, fazendo crescer um vazio existencial. Para “abafar” esse “incômodo” interior, necessitará de maior quantidade de prazer, gerando um círculo vicioso. Assim, torna-se mais egoísta, retardando o seu crescimento nos relacionamentos e o próprio amadurecimento como pessoa destinada a ser feliz num amor autêntico.

Facilmente se entregará a outros tipos de prazeres de forma desmedida: a comida, a bebida, o consumismo, entre outros. E o corpo acostuma-se a uma vida cômoda, preguiçosa, resistindo a esforços e sacrifícios que são inerentes às circunstâncias do viver. A pessoa, nesse contexto, vai sofrendo uma desumanização, perdendo a sensibilidade diante do outro, de suas necessidades e dores.

*“Nós queremos ir para o céu, mas com toda a comodidade, sem nenhum sacrifício. Não é assim que fizeram os santos.” (São João Maria Vianney)*

## **O corpo: lugar teológico da vocação e da missão**

*“Para o cristão, o corpo é o lugar do cumprimento da vontade de Deus – com ele, nele e através dele, cumprimos a nossa missão pessoal: ‘Tu me formaste um corpo... Então eu disse: Eis que venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade’ (Sl 39,7).”*

A esponsalidade do corpo refere-se à capacidade de acolher e ofertar-se por amor, de procriar, de cuidar, proteger a vida e de criar vínculos de comunhão com os outros. O Verbo de Deus se fez carne, divinizando nosso corpo e suas expressões de amor.

O corpo não é uma realidade que temos, mas que somos. Sendo ele parte de nossa identidade, uma vez que ele é a expressão concreta (através dos gestos, olhares, da voz, etc.) do que trazemos em nosso ser inteiro.

## **Corpo e martyria**

Nosso corpo é templo do amor e para amar é que existe. Por ele, e através dele, expressamo-nos e amamos.

*“Eu vos exorto a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a*

*Deus: este é o vosso culto espiritual.” (Rm 12,1)*

*“Somos membros do Corpo de Cristo. Quando um membro sofre, todo o corpo padece, inclusive a cabeça. Por isso, por sermos membros uns dos outros em Cristo, o sofrimento, que é vivido Nele, numa alma casta e num coração indiviso, tem frutos de redenção em toda a humanidade. O corpo que foi destinado à morte pelo pecado, Cristo o destinou à ressurreição e à vida. O corpo, no corpo de Jesus, foi redimido por Sua oferta de amor.” (São João Paulo II)*

Somos o Corpo de Cristo e, como tal, vocacionados à martyria, isto é, ao testemunho do Cristo ressuscitado, não só com palavras, mas com a vida ofertada com Ele e por Ele: na obediência a Deus, à Igreja e às nossas autoridades numa vocação especial.

Martyria é a morte a mim mesmo, e ressurreição em Cristo: “Os que vivem em Cristo crucificaram a carne” (Gl 5,24-25). Manter nossa Integridade de pessoa humana, imagem e semelhança de Deus, exige de nós o comando, com a graça de Deus, de nossa natureza decaída. Diz-nos o Catecismo da Igreja Católica: “Ou o homem comanda suas paixões e obtém a paz, ou se deixa subjugar por elas e se torna infeliz” (CIC 2339).

Somos chamados a crescer no amor, e é através dos pequenos “sim” de cada dia que se chega à oferta plena e total de si mesmo: “Sede santos como vosso Pai é santo” (Mt 5,48). Fomos criados para a relação que, no início, tem predominância de Eros, e, se não evoluir daí, torna-se diabólica (por que divide a pessoa humana), individualista, dominadora, manipuladora e fechada em si (porque centraliza na busca de si mesmo).

Buscar a castidade nos relacionamentos é evoluir para o amor maduro e autêntico, permeado de alteridade e busca das “coisas do alto”. Ser casto é ser inteiro.

Ainda o Catecismo da Igreja Católica nos fala sobre o domínio de si, como uma luta contínua: “O domínio de si mesmo é um trabalho a longo prazo e não definitivamente adquirido” (CIC -2342).

A castidade exige que se evitem certas palavras, ações, imagens, pensamentos que alimentam a impureza. E isto requer o domínio de si, que é sinal:

- de certa liberdade interior;
- de responsabilidade consigo e para com os outros;
- de fé convicta;
- inclui tanto o evitar as ocasiões como manter sob domínio os impulsos instintivos da própria natureza.

O domínio de si deve ser exercitado em vários aspectos: no comer, nas tarefas domésticas, na renúncia de si, na solidariedade, na justiça, enfim, saindo de si mesmo em direção aos outros, em vista do bem. Aprofundaremos um pouco este assunto nos pontos a seguir:

• **Na vivência das virtudes:** o exercício das virtudes forja meu ser para viver um grande amor! Amor único que se alimenta naquele que é a fonte de todo o bem, derrama-se sobre o outro e transborda para os outros.

• **Usando a Internet e a TV,** bem como os filmes com temperança, responsabilidade, criticidade, vigilância e prudência.

• **Fomentando um estilo de vida simples,** virtuoso e sóbrio, confrontado ao consumismo e o hedonismo. Imprimir com a própria vida que a pessoa vale pelo o que é e não pelo que possui.

• **Pela ascese física** (na disciplina, no comer, no dormir, no trabalhar) que deve ter sempre como motivação a busca do amor autêntico a Deus, a si mesmo e aos outros. O atleta vence porque se exercita continuamente e, certamente, enfrenta a dor muscular que é necessária (mas não de forma insuportável), pois fortalece os músculos. O alongamento distende os músculos, tornando-os flexíveis. Na ascese, é preciso estender o espírito à caridade, alcançando o irmão.

Como alimentar a vontade para o dom de si?

• Buscar sempre perceber o amor de Deus na própria vida;

• Alimentar o intelecto, a alma e os afetos com “as coisas do alto” pela oração, pela meditação da Palavra, pela vida sacramental.

• Através da graça, a castidade recompõe as áreas do nosso ser ferido pelo pecado. Credo que nada é impossível para Deus e que Ele é o maior interessado na nossa felicidade. Mesmo que haja condicionamentos, vícios, dependências diversas, Ele nos dará a graça de lutar pela libertação e, esta, certamente virá!

• Só o casto permanece inteiro diante dos desafios da vida, pois, sendo íntimo de Deus, terá sabedoria, discernimento e fortaleza para prosseguir.

*“Não há santidade sem castidade. A falta deste escudo gera feridas. Quando falta castidade, o coração fica dividido e se enfraquece em nós a busca do bem próprio e dos outros. ‘Ela é uma força vital que vai nos dando inteireza de alma, de coração e de corpo.’” (Moysés Louro de Azevedo Filho)*

*“Este novo deve brilhar em todos os aspectos do nosso ser, do nosso viver, do nosso trabalho, no nosso trabalho, nos nossos relacionamentos, no nosso vestir, no nosso comer, no nosso falar, nas nossas posturas, no nosso silêncio, na nossa alegria, na nossa educação, no nosso estado de vida, nos nossos relacionamentos afetivos, no caminho para eles, nas nossas posses, na Obra, em tudo deve brilhar o novo de Deus.” (Escritos da Comunidade Católica Shalom)*

Nosso corpo foi tecido pela sabedoria de Deus de forma perfeita. Assim, ele é constituído de forma a dar atração mútua entre homem e mulher, gerando prazer no ato

conjugal para que fôssemos abertos à vida, povoando a terra, educando filhos de Deus. Tudo nos foi dado por Ele para que usufruíssemos de forma ordenada e construtiva, promovendo o bem pessoal e o dos outros. Dessa forma, é importante conhecermos como funciona o nosso corpo, a fim de melhor orientá-lo para o amor autêntico.

Existem áreas do corpo feminino e masculino (zonas erógenas) que favorecem, ao toque, o despertar do desejo sexual. É importante que esta realidade seja conhecida para que se exerça o autodomínio diante das situações de convívio a dois. Na fase do namoro, para que se viva a castidade, é importante evitar carícias, manifestando o amor através do carinho, da delicadeza, da atenção ao outro, evitando o toque em áreas erógenas, fugindo das ocasiões que constituem risco para a castidade (por exemplo, filmes com cenas de sexo, conversas com conteúdos eróticos, trajes sensuais e provocantes, entre outras situações que prejudiquem a vivência da castidade pelo casal de namorados).

Outro cuidado importante diz respeito aos lugares que se escolhe para namorar. Os ambientes mais convidativos ao pecado contra a castidade são locais mais escuros, ou com penumbra, isolados e que favoreçam maior liberdade de comportamentos. Se queremos viver a castidade, cuidemos de escolher a luz e lugares mais públicos, onde também seja possível conversar e, claro, manifestar carinho um pelo outro.

Quando se inicia no namoro atitudes não muito castas, até mesmo chegando ao relacionamento sexual, é necessário o casal parar, rezar, talvez afastar-se fisicamente por um tempo, procurar oportunidades de encontrar-se de forma menos arriscada, fazer algo juntos que seja mais construtivo para os dois, como: visitar um doente, visitar uma família necessitada, exercer a partilha de bens, estar com os amigos, com a família, fortalecer a vivência da espiritualidade (confissão, eucaristia, retiro pessoal, apostolado), entre outras atitudes ascéticas que o Espírito inspire, a fim de fortalecer a vontade dos dois na direção da castidade.

A mulher, por medo de perder o namorado, tende a ceder aos seus desejos de prazer físico, mas é importante refletir que, se não há esforço do outro nesta direção, é porque também não há amor suficiente ainda para prosseguir o relacionamento. O homem que, durante o namoro, não domina seus instintos, como será fiel a esta esposa nas situações que virão e lhe obrigarão a uma abstinência circunstancial?

O homem é facilmente excitável quanto ao desejo sexual pelo olhar e pelo toque. Portanto, é importante que a namorada esteja atenta para a sua forma de se vestir e nos seus gestos. A sensualidade no vestir deve ser evitada (decotes que enfatizem os seios, shorts, saias, vestidos, calças coladas que exponham exageradamente as formas do corpo) por amor ao namorado, para que ele consiga vivenciar mais facilmente a castidade. Vestir-se com sobriedade não implica em falta de beleza e feminilidade. Existem muitos modelos de roupas bonitas e femininas em sites na internet que ajudam a mulher a se vestir de forma atraente, com elegância e estilo, sem provocações sensuais. Para a mulher é mais fácil o controle da situação, uma vez que seu processo de excitação é mais lento e progressivo em relação ao homem. Por isso, ela deve zelar pelo

relacionamento, dando limites a carícias e tudo aquilo que for percebendo como ameaça à sua castidade e a do outro.

Nesta situação, é necessário que os dois sejam firmes para buscar esse fortalecimento da castidade. Se houver enfraquecimento de um lado, o outro seja ainda mais forte para lutar. É prova de amor pelo outro essa admirável luta. A graça de Deus poderá, assim, encontrar espaço para agir em suas vidas de forma mais eficaz. Retomar a castidade é essencial para crescer e amadurecer o relacionamento.

O período de namoro serve para isso: para que o casal cresça no conhecimento mútuo, elabore projetos comuns e adquira virtudes indispensáveis para a vida matrimonial. Se o casal vive bem esse período, sem chegar a ter intimidades próprias da vida matrimonial, passará por uma verdadeira escola de castidade e de fidelidade. Estará mais preparado para viver a fidelidade conjugal quem se preparou bem antes, vivendo a castidade no namoro.

### **Breve testemunho**

Meu casamento começou às avessas. Quando tive minha primeira experiência pessoal com Deus, percebi que estava vivendo em adultério, há oito anos. Um fato que antes não me importava, pois não vivia a fé católica. Meu marido era separado e tinha sido casado na Igreja (esse matrimônio foi depois declarado nulo pela Igreja). Já tínhamos 3 filhos pequenos quando tivemos a nossa experiência com Deus.

“Caímos do cavalo”, para usar uma expressão popular. Surgiu em nosso coração uma grande dor pela situação e, especialmente, por não poder receber a Eucaristia. Comecei a pedir a intercessão de Santa Teresinha do Menino Jesus e Nossa Senhora. Tivemos irmãos que também intercederam por nós, a quem somos imensamente gratos. No quarto dia da novena à Santa Teresinha do Menino Jesus, ganhei duas lindas rosas vermelhas, viçosas como se tivessem sido arrancadas do pé de roseira naquele instante, inesperadamente e surpreendentemente, o que encheu-me de grande alegria e de certeza de que nossa situação seria resolvida. Nesse período, viemos a Fortaleza para o Renascer e, durante este evento, alcançamos a graça de nos decidir por Deus, colocando-o como primazia da nossa vida. Ao retornarmos à cidade onde morávamos, nosso pároco, Frei Benigno, começou a nos acompanhar e, por grande graça de Deus, passamos a viver como irmãos. Nossa casa passou a ser uma verdadeira comunidade de irmãos, em que acolhíamos os jovens, quase que diariamente, e os necessitados de oração. Também viajávamos pelas cidades vizinhas evangelizando junto com os irmãos da Renovação Carismática. Foram dois anos e três meses de vivência da continência sexual, fortalecidos pelos sacramentos, pelo serviço à Igreja, pela oração diária e intercessão dos irmãos mais próximos (especialmente Ir<sup>ª</sup> Tereza Lunardi e Conceição de Maria) que acompanhavam nossa trajetória. Nossas portas eram abertas (inclusive e especialmente as dos quartos!). Reflexo da graça de Deus em nosso coração desejoso de acolher, amar e testemunhar o

amor de Deus.

Estávamos no auge do vigor físico e só mesmo uma graça especial de Deus poderia nos fazer viver a abstinência sexual, já que convivíamos sob o mesmo teto. E era grande a alegria interior que nos invadia e transbordava em nós. Esse tempo forte de graça fecundou o trabalho missionário, purificou nossa convivência conjugal e familiar, semeando em nós um grande desejo de vida comunitária, de vida consagrada inteiramente ao Senhor. Foi nesse período que, após sermos acompanhados por carta por irmãos da Comunidade Shalom, foi discernido que deveríamos ir em missão para Quixadá – Ceará, a fim de fazer um caminho para entrar na Comunidade Shalom. Após chegarmos na missão, o casamento de meu esposo foi declarado nulo pela Igreja. Hoje somos casados e consagrados na Comunidade Aliança, e nossos filhos também, por graça de Deus, caminham na Comunidade (dois consagrados na Comunidade de Vida, um postulante da Aliança com sua esposa). Louvado seja o Deus fiel, que é o forte em nós, apesar das nossas fraquezas. Partilho este testemunho para manifestar a graça de Deus que age em nós quando o buscamos de todo o coração.

## **PARA REFLETIR, REZAR E PARTILHAR**

1. Temos dado um ao outro o incentivo para a vivência da castidade?
2. Que elementos deste capítulo você destacaria como essenciais para ajudar na vivência de um namoro casto?
3. Em que aspectos precisamos fortalecer nossa vivência da castidade?
4. O que, no outro, tem sido para mim, motivo de excitação do instinto sexual?
5. Como vamos fortalecer ainda mais nossa vivência da castidade? Fazer um propósito para o próximo encontro.
6. Partilhar com os formadores/acompanhadores os propósitos estabelecidos e pedir a intercessão dos mesmos, bem como ouvir sua experiência, que pode ajudá-los.

# CAPÍTULO 3

## A CASTIDADE: FORÇA IMPULSIONADORA AO AMOR

### Por que a castidade no namoro?

Deus é amor. Fomos criados por amor. O Pai, no Seu amor infinito, num ato de doação de si, cria o homem, como filho, à Sua imagem e semelhança, capaz de amar e de receber amor. Deus quer a relação de uns com os outros. Deus faz o Seu amor circular entre nós e sustenta toda a criação.

*A nossa comunhão com os seres humanos e com as criaturas faz circular o amor de Deus pelo mundo. “A essência de Deus, em sua força, move-nos para a relação, para a aliança, para o amor” (Bento XVI).*

Nosso Papa Emérito Bento XVI, na Encíclica Deus Caritas Est, faz uma bela e profunda reflexão sobre o Amor de Deus Trindade, presente em nossa vida, através de três dimensões:

**Amor ágape:** “Como o amor de uma mãe por seu filho... O Pai que cuida do mundo, como uma mãe ao seu filhinho...”.

**Amor eros:** associado à paixão de amor, capaz de sacrificar-se, de dar a vida. É a dimensão prazerosa do amor, mesmo que este se misture à dor.

**Amor de philia:** amizade que está associada à aliança de amor. É a dimensão humana do amor.

### Eros

Ele é paixão, desejo, busca da saciedade dos sentidos, força que me impulsiona ao outro e ao grande Outro, através da beleza, da arte, em suas diversas manifestações. Ele



exerce a força de atração de um ao outro, mas não sacia o coração do homem. Está condenado a carência, a miséria, a infelicidade, a estar sempre incompleto, caso não se direcione à dimensão maior, que é o amor ágape.

Com a ajuda desse mediador que é o eros, podemos sair da ignorância para chegar ao conhecimento, do material para chegar ao espiritual e à contemplação da Beleza em si mesma, cuja fonte primeira e maior é o próprio Deus.

O “enamoramento” é essa experiência de uma transformação radical da sensibilidade, da mente, do coração. Duas pessoas que não se conheciam tão profundamente, ao se enamorarem, tornam-se indispensáveis uma a outra. Este tipo de amor pode:

- nascer lentamente a partir da amizade, ou aparecer de repente como uma “flechada”;
- ser uma ilusão passageira que dura pouco tempo, ou uma vocação para toda a vida;
- ser um amor passional de forte sexualidade, ou de doce ternura;
- ser uma paixão insatisfeita ou um amor impossível, ou pode desembocar no matrimônio;
- Perder sua força carismática e tornar-se rotineiro, ou manter o frescor vibrante das origens.

É um estado nascente. É mais um caminhar do que um estar, é mais um ir para algum lugar, em alguma direção. Se ficar em si mesmo, cansa-se, esgota-se, pois não é a Fonte. Quando o eros consegue o seu objetivo, ou seja, sacia os seus sentidos, tranquiliza-se, mas depois aborrece-se. Tem o que já não lhe falta.

*Eros* é um meio, um canal por onde deve passar a “água, o rio, o mar”, até fundir-se com o oceano: a plenitude do ágape, que é o próprio Deus.

*“É um poder que, em todo ser, tende e anseia à perfeição. Não só a sexualidade está estreitamente vinculada ao eros, como também o está o desejo de realidades espirituais sedutoras, como a beleza espiritual. Graças ao eros, o filósofo tem paixão pela sabedoria, e o místico tem paixão por Deus” (Bento XVI).*

Se os namorados se centralizam na saciedade dos sentidos e esquecem o significado de sua caminhada, tendem a limitar o relacionamento à superficialidade e, conseqüentemente, a uma convivência banal que tenderá a acabar-se. Daí a importância de se viver a castidade, pois especialmente na fase da adolescência e juventude os hormônios estão em sua força total, impulsionando os instintos à busca de saciedade, tornando-se muito fácil haver no namoro a centralização na busca do prazer de forma exacerbada.

O eros sem ágape, conforme Frei Raniero Cantalamessa, é um amor romântico, mas comumente passional e instintivo. Um amor de conquista, que reduz fatalmente o outro a objeto do próprio prazer e ignora toda dimensão de sacrifício, de fidelidade e de doação de si.

*“O amor eros deve ajudar homens e mulheres a colocarem paixão no que fazem, para evitar esse ‘amor frio, que não desce da mente para o coração, como um sol de inverno, que ilumina, mas não aquece’”. (Cantalamessa)*

## **Philos**

É o menos natural dos “amores humanos”. O menos instintivo. Não é uma paixão, não é um dever. É amor, é virtude, é desejo de presença, mas não é eros. É agradável. É útil. Consiste mais em amar do que ser amado. Requer igualdade. Celebra uma presença, mas não é pedir, é dar graças.

Amiga é aquela pessoa que melhor nos conhece, com quem se pode contar, com quem se partilha recordações, esperanças e temores, felicidades e infelicidades. Onde existe amizade autêntica, surgem outras virtudes, espontaneamente. A amizade é uma condição para a felicidade, que só é encontrada na oferta total de si, que é própria do amor ágape.

Supõe a criação de espaços de “encontro”, de divertimento, onde predomina o “nós”. Na relação de amizade, insere-se a generosidade, a abertura, a confiança, a compreensão; a adaptação aos ritmos naturais do amigo; a cordialidade e a ternura; a veneração pela dignidade do amigo; a perseverança; a fidelidade criadora. A amizade nos aperfeiçoa, realiza-nos enquanto pessoas. Transforma o deserto em bela paisagem. Ela requer ser cultivada.

Existe uma arte a aprender. Pode ser uma escola de virtude, quando encaminhada para o bem do outro que também, de alguma forma, alcança os outros. É uma oficina de aprendizagens importantes que constroem alicerces e preparam o indivíduo para doar-se mais plenamente no amor ágape.

*Eros* e *philia*, amor eros e amor de amizade podem andar juntos, mas não se confundem. Eles misturam-se quase sempre, mas quando eros se vê satisfeito, desgasta-se e morre; enquanto que *philia* se engrandece cada vez que se vê satisfeita.

O amor *eros* é reducionista e dirige-se a uma pessoa. O amor de amizade também alcança poucos (não é possível ser amigos de milhares de pessoas). Mas há uma forma de amor mais universal, mais plena, que é o amor ágape.

## **Ágape, para além do eros e de *philia***

Ágape é o amor que possibilita a abrangência universal, incondicional. Que possibilita amar os inimigos, os que nos são indiferentes, os que nos incomodam. É o amor perfeito de Deus, revelado em Jesus e por Ele provado na entrega total de si, por amor.

É o amor do Pai que doa Seu Filho unigênito para resgatar os filhos amados. É o amor

do Espírito que se aniquila para habitar em nós. É o amor que moveu os profetas no Antigo Testamento e os santos. O amor entre os discípulos, fazendo-os amar até o extremo de estar dispostos a dar a vida uns pelos outros, em Jesus Cristo, razão e princípio deste amor.

A plenitude do amor (Deus) derrama-se em encarnação, em criação. A Sua presença enche de plenitude o outro e liberta-o em todo o seu ser. Deus não cria servos, mas filhos livres, chamados à liberdade.

É o amor de Deus que ama o homem e a ele se dá, dando-lhe a dignidade de filho, seduzindo-o e atraindo-o a si, através do amor *eros*, *philia* e de caridade.

O amor ágape exerce a função de horizonte em relação ao amor *eros* e *philia*. Impede que tanto um como o outro permaneçam prisioneiros de si mesmos. Impulsiona-os a ir além de todo o espaço delimitado de um e de outro.

Papa Bento XVI propõe a relação circular entre o amor *eros* e o ágape:

*“Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões (entre amigos, entre o casal, entre Criador e criatura), na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Eros e ágape não se encontram em dois planos distintos ou contrapostos, representam duas atitudes e duas formas de amor estreitamente correlacionadas entre si. O Eros, embora seja inicialmente ambicioso, fascinado pela grande promessa da felicidade, depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, doar-se-á e desejará ‘existir para’ o outro” (Deus Caritas Est, 7).*

É essa caminhada de aprendizagem do amor autêntico que os namorados são convidados a percorrerem, em vista da maturidade humana e espiritual necessárias a uma vida a dois, no Sacramento do Matrimônio.

## **RELER O CAPÍTULO, REFLETIR E REZAR**

1. O que acontece se houver *eros* sem ágape? Perceba no mundo ao seu redor sinais desta realidade, em que o *eros* é exercido sem o ágape. Apresente essas situações e comente as consequências disso.

2. O ágape sem *eros*, em contrapartida, como diz Amedeo Cencini, é um “amor frio, um amar parcial, sem a participação do ser inteiro, mais por imposição da vontade do que por ímpeto íntimo do coração”, em que ‘os atos de amor voltados para Deus parecem aqueles de namorados desinspirados, que escrevem à amada cartas copiadas de modelos prontos’” (CENCINI). Procure perceber no mundo à sua volta as manifestações desse amor sem *eros* e quais as consequências disso. Seja concreto.

3. A beleza e a plenitude da vida consagrada, conforme Cencini, depende da qualidade

do nosso amor por Cristo. É só o que pode nos defender dos altos e baixos do coração (da instabilidade das emoções e sentimentos). A vida cristã deve ser casta segundo o estado de vida da pessoa, para que as três dimensões do amor entrem em unidade. O amor de Cristo e o nosso a Ele não nos elimina necessariamente a sedução das criaturas e, em particular, a atração do outro sexo (ela faz parte da nossa natureza, que Ele criou e não quer destruir), mas nos dá a força para vivê-las na castidade com uma atração mais forte: “Casto é quem afasta o eros com o Eros” (*São João Clímaco, A escada do paraíso, XV,98*).

Namoro casto supõe afastar a força arrebatadora do eros, para deixar crescer as outras dimensões do amor, equilibrando, assim, as suas três dimensões. Caso contrário, queimar-se-ão etapas importantíssimas que favorecerão este amadurecimento no amor autêntico e integral.

Você percebe o amor inteiro (eros e ágape) de Deus por você? Em que situações de sua vida você relata essa experiência vivificante com o Senhor? Partilhe a dois e com seus formadores/acompanhadores.

1. Reflita, depois converse com o(a) namorado(a) sobre a caminhada de namoro. Em que pontos vocês precisam crescer quando se pensa em aprendizado do amor?
2. Seja concreto ao avaliar o tempo dedicado ao namoro e como vocês têm investido este tempo. O que tem predominado nos encontros de vocês? Lazer? Convívio com amigos? Erotismo? Que tipo de conversas tem alimentado o namoro?
3. Como vai a vivência das outras áreas da vida pessoal, quanto aos estudos, trabalho, família, vida sacramental e vocacional? Avaliem-se concretamente (ex.: horas de estudo, desempenho escolar, horas para família, para o ministério, para os compromissos vocacionais, etc.).
4. Que aspectos devem ser reordenados na vida de cada um?

## PARTE II

# **DISCERNINDO A VONTADE DE DEUS PARA NÓS**

# CAPÍTULO 4

## NAMORO E AMIZADE

Trataremos aqui do namoro cristão com o objetivo de ajudar jovens e adultos a melhor viver esta fase da vida, que é um tempo de aprendizado e amadurecimento para um futuro relacionamento a dois, no matrimônio.

Poderíamos dizer que o namoro é a porta que se abre àqueles que têm como projeto a construção de uma família. Namoro não é passatempo, não é programa de fim de semana, não é mera camaradagem, curtição, muito menos fuga de problemas familiares, medo de “sobrar”, imitação da moda (todo mundo faz), busca de autovalorização. Namoro é conhecimento mútuo, partilha de vida, tempo de crescimento e amadurecimento.

Namoro implica desejo e disposição de trilhar um caminho de crescimento a dois. Crescimento nos valores, nas virtudes, no amadurecimento e na capacidade de relacionar-se, em vista de objetivos que serão desvendados ao longo do caminho.

Implica em descoberta de si e do outro, no cultivo dos valores de uma autêntica amizade que, aos poucos, fortalece-se e se aprofunda no respeito mútuo. Ao mesmo tempo, no namoro deve-se manter a própria individualidade e autonomia, garantindo assim que o amadurecimento aconteça, até mesmo se posteriormente o relacionamento não prosseguir em direção ao noivado e ao matrimônio.

É óbvio que o namoro não se restringe ao campo da amizade, mas ela precisa crescer com a convivência através de valores que a permeiam, tais como: confiança e respeito mútuos; aceitação do outro, com suas virtudes e fraquezas; solidariedade; sinceridade e partilha.

O namoro precisa ser norteado por um sentido maior: o testemunho cristão, a realização de si e do outro, segundo uma aspiração profundamente cristã. Pelo namoro, as pessoas se preparam para a missão de serem esposos, de formar família e, principalmente, para a responsabilidade e a beleza de serem pais. Muitos casamentos são forçados, apressados e imaturos. Muitos se casam despreparados porque o namoro e o noivado não foram além da superficialidade dos costumes vigentes na sociedade, ou porque vivenciaram namoros reduzidos ao erotismo, à curtição, no sentido de “aproveitar

a vida” de forma imediatista, prazerosa e até inconsequente.

Outros jovens, especialmente as jovens cristãs, no afã de realizar o sonho de casar e de serem mães, tendem a acelerar o processo de namoro. Até mesmo os dois, impulsionados pela paixão, desejam viver tudo rapidamente e se casam despreparados, sucumbindo, posteriormente, diante dos desafios próprios da vida de casados. O tempo do namoro deve ser vivido na busca de conhecer o outro na sua história de vida, no seu mistério, no seu modo de ser e de se relacionar. No conhecimento dos defeitos e virtudes, aptidões e interesses, para que sejam percebidas afinidades e diferenças e, a partir daí, saber até mesmo se o namoro deve continuar ou não. Cada um de nós é um mistério único e irrepetível que só poderá ser conhecido se for revelado com sinceridade e verdade. Se não houver verdade e abertura nesta revelação mútua, o namoro não poderá cumprir seu papel.

Muitos desperdiçam o tempo do namoro somente com diversão, na exploração do prazer que o outro pode favorecer, perdendo o foco e queimando etapas preciosas para a construção de uma união verdadeiramente duradoura e feliz no matrimônio. Muitos escondem suas fraquezas e se apresentam cheios de qualidades, contribuindo para que os dois permaneçam desconhecidos um para o outro. Relacionamentos assim estão fadados ao fracasso.

É essencial não ter medo da verdade, de se apresentar como se é, de mostrar a realidade da própria vida, dos pais, dos irmãos, da própria história familiar e pessoal, para que o relacionamento não seja fantasioso, construído por pessoas que não existem na concretude da vida. É preciso ter a saudável coragem de apresentar-se na verdade. É claro que isso vai ocorrendo progressivamente, na medida em que cresce a confiança mútua, o respeito e a própria liberdade interior.

O autoconhecimento e o conhecimento do outro, também no contexto da caminhada de namoro, precisam acontecer sob o pano de fundo do amor gratuito e incondicional a Deus. Por isso, é essencial que ambos tenham a experiência de uma vida de intimidade com o Senhor pela oração, pela vida sacramental e pela Palavra. Quando os dois vivem a espiritualidade, esse caminho é mais autêntico e menos sofrido.

## **PARA REFLETIR, REZAR E PARTILHAR**

1. Considero que meu namoro tem um norte definido, um caminho a ser trilhado? Comente sua resposta.

2. Desejo realmente levar a sério o meu estado de vida, por meio de uma caminhada verdadeiramente cristã no namoro? Como? As respostas dadas individualmente e depois confrontadas a dois podem ajudar no conhecimento mútuo.

3. Avalie as respostas e retire dessa reflexão um propósito concreto para este caminho de namoro. Escreva e depois partilhe com o formador pessoal e comunitário, ou, se você



não é da Comunidade Shalom, com seu acompanhador do grupo de oração ou diretor espiritual.

# CAPÍTULO 5

## O QUE BUSCO NO NAMORO?

Sabemos que Deus não criou o homem para viver só. Na infância, os meninos e as meninas procuram seus pares para descobrirem o mundo à sua volta, para se identificarem em suas características físicas e psíquicas. A convivência em grupo ajuda-os a crescer de forma saudável.

Na adolescência, todo o ser da pessoa se desenvolve e busca uma relação mais profunda com o sexo oposto. Deus disse: “Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn 2,18). É na adolescência que se desperta toda a força de atração afetiva (sexual) entre homem e mulher.

Homem e mulher se atraem mutuamente, especialmente para a complementaridade querida por Deus, independente de haver união de corpos. A pessoa deseja viver uma complementaridade que lhe realize. E, claro, existe a atração física forte para que se garanta a continuidade da espécie humana sobre a terra.

É, pois, a partir da adolescência que se amadurece o desejo de dividir a vida com alguém com quem se tem afinidade, atração, desejo de compartilhar tudo, como o fazem os que se amam. O namoro, nessa perspectiva, pode ser visto como o caminho que prepara a pessoa. Nesse processo, ela vai se conhecendo, conhecendo a natureza do sexo oposto, descobrindo afinidades, diferenças, enfrentando desafios, em vista de, posteriormente, sentir-se preparada para uma vida a dois.

Por isso, o namoro não pode ter um caráter inflexível, determinista, pois prejudicaria a liberdade necessária para a preparação ao matrimônio. O apego excessivo, a dependência afetiva, as relações de dominação são entraves ao amadurecimento dos dois. Manter a afetividade nas próprias mãos é um aprendizado que exige a busca do autoconhecimento, a força que emana de uma vida cheia de sentido, e o esforço do autodomínio – realidades estas que são fortalecidas com a graça de Deus através da vida espiritual. Quando o desequilíbrio afetivo não é superado por este caminho, faz-se necessário a ajuda profissional da psicoterapia.

Manter a afetividade nas próprias mãos é uma necessidade para que se faça uma boa escolha, um bom discernimento. A afetividade sadia (em equilíbrio) diz respeito,

portanto, à autonomia e à liberdade interior, que devem ser cultivadas entre os dois. Ou seja, não se deve centralizar todas as forças no relacionamento de namoro, mas manter as amizades, fortalecer a vida espiritual, com engajamento em vista do serviço aos outros, continuar a investir na própria vida (família, estudos, trabalhos, cuidados consigo, etc.).

Essa saudável distância afetiva ajudará a fazer a leitura do relacionamento com mais equilíbrio e de forma mais consciente, considerando alguns aspectos que são essenciais para a decisão pelo matrimônio: valores comuns, afinidades, espiritualidade, sentido de vida, maturidade, entre outros.

A liberdade interior está relacionada também a capacidade de estar só. Se não sou capaz de estar comigo mesmo, viverei para agradar os outros, estabelecerei dependência afetiva de alguém e, no fim, viverei a insatisfação e a frustração pessoal: “Se não conseguirmos reconhecer e aceitar a própria identidade, a procura do outro será fuga de nós mesmos. Quanto mais inseguros formos tanto mais sentiremos dificuldade de viver em comunhão: nossa tendência será a de defesa ao invés de ser doação; precisaremos do outro para sentir-nos seguros e gratificados. Desta forma não poderemos amar o outro por aquilo que ele é, mas tão somente por aquilo que dele podemos receber” (MANENTI, p.50).

Preservar a individualidade é uma exigência do crescimento. Quanto mais uma pessoa tiver identidade própria, mais será capaz de doar-se desinteressadamente. É a aceitação madura de si que permitirá relacionar-se quase sem ansiedade e hostilidade, evitando dois extremos: dependência e independência em relação aos outros. Nesse caso, há a flexibilidade, a tolerância e o respeito por si e pelo outro.

Muitas vezes, numa postura ainda imatura, a pessoa pode buscar o namoro:

- Para não ficar só, ou porque se sente inadequada quando está em grupo;
- Por carência afetiva. Daí, sai em busca de companhia, sem refletir mais detidamente sobre quem é o outro;
- Por falta de aceitação profunda de si, buscando alguém que a confirme;
- Por baixa autoestima, desejando ser amada e valorizada;
- Porque acredita que quem está só pode não ser bem visto no meio social;
- Porque sente necessidade de amparo, proteção e de quem alimente seu ego, às vezes, necessitado de afeto e reconhecimento;
- Por projetar sua necessidade de valorização e segurança naquele(a) que escolhe por ter prestígio, por ser bonito(a), ter qualidades semelhantes ao “tipo ideal” que alimentou, etc.

Essa necessidade de comunhão inerente a cada ser humano não pode ser confundida com projeções que possamos alimentar até de forma inconsciente e possivelmente egocêntrica.

“A comunhão não exonera da solidão: cada qual deve caminhar sozinho e assumir a responsabilidade do próprio crescimento, mesmo com a ajuda do outro. Esquecendo-se disto, realizam-se casamentos simbióticos nos quais se pretende fazer tudo em comum, pensar sempre da mesma maneira, ser dois irmãos siameses cujo vínculo, com o passar dos anos, torna-se sufocante e intolerável” (MANENTI, p. 52).

A comunhão autêntica é fruto da abertura à unidade na diversidade. Da construção de um “nós”, a partir de cada “eu” livre e autônomo, responsável pela própria vida, em crescimento – aquele crescimento genuíno que vai prescindindo das recompensas e da satisfação das próprias expectativas em relação ao outro, aceitando-o com sua identidade própria. Cada um é responsável pelo próprio crescimento. E essa motivação já deve ser buscada a partir do namoro.

Relacionamento a dois requer complementaridade e, ao mesmo tempo, autonomia, o que não significa independência egocêntrica ou individualismo.

O processo do autoconhecimento é uma necessidade para que o relacionamento a dois cresça saudável. Os primeiros anos da vida vão definir nossas futuras relações: “Se houve bloqueios e deformações na vivência das fases normais da infância, nossas relações se ressentirão disso. A relação terá dificuldade de ser promotora de identidade e lugar de transcendência, uma vez que está ainda condicionada pelo passado conflitante das pessoas. E, assim, surgem relações de transferências: as deformações são inconscientemente transferidas para a relação presente, dando-lhes um caráter de repetição ao invés de novidade” (MANENTI, p.60).

Poderíamos aqui exemplificar algumas atitudes que expressam um pouco essas deformações: a mulher que deseja e pressiona o homem para que corresponda exatamente ao “modelo” que ela sonhou, que satisfaça suas necessidades de todas as ordens; o homem que, narcisicamente, utiliza-se da mulher como objeto (pela sua beleza, pelo seu prestígio) e, depois de saciar-se, já não demonstra mais interesse por ela; a mulher que procura no homem as características do pai e o pressiona para correspondê-las; o homem que deseja ser cuidado meticulosamente pela “mãe” e considera um dever da esposa satisfazê-lo plenamente; a pessoa que necessita de elogios constantes, que não aceita fracasso, que rejeita os limites do outro e o subestima sempre; a necessidade de identificação mútua em muitos aspectos, para se sentir seguro, desenvolvendo dependência afetiva recíproca. Sem falar das expectativas dominadoras que muitas vezes são geradas sobre os filhos, que podem se tornar objeto da realização narcísica dos pais: “Quero dar aos meus filhos tudo aquilo que eu não tive”; “quero fazer do meu filho um grande médico, pois eu...”; “minha filha terá uma ‘faraônica’ festa de 15 anos, porque...”; “meu filho tem que ter nota dez na escola...”.

Será necessário que tais realidades sejam identificadas e enfrentadas para que haja amadurecimento. Na Comunidade Shalom, existe o caminho *Ordo Amoris*, com cursos que ajudam no autoconhecimento e amadurecimento humano, oferecidos por meio de leituras, palestras, oração e acompanhamentos. É recomendável que todas as pessoas,

independente do seu estado de vida, busquem trilhar essa caminhada para bem perceber e viver os desígnios de Deus a seu respeito.

No caso daqueles que buscam a realização do seu estado de vida no matrimônio, devem mais ainda trilhar esse caminho em vista da responsabilidade pela nova família que almejam construir. Os formadores pessoais e comunitários, acompanhadores e diretores espirituais devem motivar e acompanhar os formandos neste caminho.

# CAPÍTULO 6

## CAMINHANDO PARA O NAMORO NUMA VOCAÇÃO ESPECÍFICA

Neste momento, você já deve estar se perguntando sobre o melhor caminho para discernir um namoro, haja vista que o sentido maior dele já foi explanado nos capítulos anteriores. Para tal, queremos apresentar duas palestras do fundador da Comunidade Shalom, Moysés Louro de Azevedo Filho, dirigidas aos formadores da Comunidade. Você perceberá que foi mantido o tom coloquial da pregação e que alguns aspectos se baseiam na vivência própria do carisma dentro da Comunidade de Vida. O que não esvazia o conteúdo e o ideal deste caminho, a mentalidade da nossa Vocação em relação ao tema. Sendo dito, estes pontos nortearão também a Comunidade de Aliança, dessa Comunidade, e todos aqueles jovens e adultos solteiros que se apoiarem na experiência que este livro se propõe a oferecer.

### **Formação sobre namoro<sup>3</sup> (parte 1)**

Vamos refletir sobre o caminho do namoro dentro da Comunidade de Vida, especificamente para as autoridades, para que se tenha uma noção mais clara de como acolher e orientar este dom, que é o dom do relacionamento de namoro.

Existem três parâmetros que são muito importantes para todos os membros da Comunidade, para quem está dentro de um caminho como este, em direção ao matrimônio, através de um namoro, e também para aqueles que são responsáveis dentro da Comunidade para ajudar, favorecer, discernir, orientar, formar e ajudar a formar aqueles irmãos que estão neste caminho.

Dentre estes três parâmetros, em primeiro lugar, está a dimensão própria do Evangelho, da Palavra de Deus, do que Deus nos propõe para um relacionamento em direção ao Sacramento do Matrimônio. A segunda dimensão é a da Igreja e a do próprio homem, tudo aquilo que o mundo de hoje vive, o que a Igreja nos fala a respeito da realidade deste mundo. E a terceira dimensão é a do próprio Carisma Shalom.

Vamos conversar, a partir destes princípios, sobre o plano de Deus para um namoro

dentro da Comunidade de Vida e o papel daquelas pessoas que se sentem chamadas ao matrimônio, já que o namoro é o processo de quem acredita que é chamado para este sacramento.

## **Os nossos Estatutos**

Gostaria de começar esta conversa com um artigo dos nossos Estatutos. Vou fazer breves comentários sobre mais quatro artigos porque neles está a base fundamental do que falaremos. Assim, o Artigo 09 diz:

*“A Comunidade é um espelho da vida trinitária e um reflexo do mistério da Igreja. Como forma de refletir a comunhão intratrinitária, que em três Pessoas distintas expressa o mistério da perfeita unidade, a Comunidade é chamada a abrigar, na vivência do seu Carisma, a diversidade, complementaridade e unidade das diversas formas de vida que se manifestam na Igreja. Por isto é composta por fiéis de todas as formas de vida:*

- a. celibatários pelo Reino dos Céus;
- b. casados e solteiros;
- c.

*Uma só família de irmãos e irmãs, manifestando a complementaridade das formas de vida que através de um chamado comum ofertam suas vidas a Jesus Cristo, no espírito do Carisma, segundo o presente Estatuto.”*

Aqui vemos este chamado particular que a nossa Comunidade tem. Este chamado particular que o Carisma, como novidade, traz para a Igreja. A Comunidade é um espelho da vida trinitária. A Trindade, que é a comunhão de amor, que é uma só natureza em três Pessoas divinas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que são um só Deus. Há uma unidade profunda, mas, ao mesmo tempo, há uma diversidade de Pessoas que se amam tanto, que têm uma comunhão de amor tão intensa que formam um só, um único Deus. *Shema Israel, Adonai Elohenu, Adonai Echad!*: “Ouve, Israel, o Senhor Deus é um, o Senhor é Deus”. A Comunidade é chamada a ser reflexo desta comunhão de amor que existe na Trindade, e uma das maneiras de manifestar esta comunhão de amor é a diversidade dos estados de vida. Por isso, também ela é o reflexo do mistério da Igreja, da comunhão do Corpo místico da Igreja, que tem membros diferentes, mas é um só corpo. Reflexo também da diversidade que existe dentro da Igreja. Nela encontramos as várias dimensões de formas de vida, de estados de vida, mas é uma só Igreja, que é a Esposa de Cristo.

Como um espelho da vida trinitária que, em três Pessoas distintas expressa o mistério da perfeita unidade, a Comunidade é chamada a abrigar, na vivência do seu carisma, a diversidade e a complementaridade. Estas duas palavras são muito importantes. Cada uma das formas de vida, que são diversas, complementam-se para que sejamos reflexo



desta comunhão de amor da Trindade, uma só Comunidade.

## **A oferta de vida no Carisma**

Comunidade: uma só família de irmãos e irmãs que manifestam a complementaridade das formas de vida e que, através de um chamado comum de ofertar suas vidas a Jesus Cristo, no espírito do carisma, segundo os Estatutos, juntam-se numa só unidade. O que, então, faz-nos ser um só? É cada forma de vida que existe dentro da Comunidade, seja sacerdócio, seja matrimônio, seja celibato, com os irmãos vivendo a diversidade própria do seu chamado, o seguimento a Jesus Cristo, sua identidade pessoal mais profunda.

O sacerdócio dentro da Comunidade de Vida tem as características comuns do ministério sacerdotal que está presente em toda a Igreja, mas ele tem um diferencial próprio e único, que é a oferta deste sacerdócio a Jesus Cristo na luz do Carisma Shalom. Desde a sua formação até o exercício do seu ministério sacerdotal terá esta marca de distinção.

E o celibatário? Ele é um consagrado no celibato como todos estes estados de vida presentes na Igreja. Mas ele tem uma maneira toda diferente de ser, que é o princípio próprio desta oferta de vida no Carisma Shalom.

Da mesma forma acontece com o Sacramento do Matrimônio. Ele é o único em toda a vida da Igreja, que, pelo seu chamado particular, diferencia-se da forma geral que os sacramentos são vividos. Esse estado de vida, no interior da Comunidade, desde a sua etapa de preparação até a vivência, dá-se de forma própria, na oferta de vida do Carisma Shalom. Vamos procurar esclarecer estas características próprias da oferta e da vivência do Carisma, que farão do caminho de namoro um caminho próprio, único, particular.

O namoro na Comunidade Shalom é diferente. Não é um namoro igual ao que se tem no mundo, ou ao que se tem, até mesmo, dentro da Igreja, da vida ordinária cristã. É um namoro diferente porque traz características diferentes, porque temos um carisma particular e a ele fomos chamados por Deus. Somos chamados a dar um testemunho diferente no coração da Igreja e no mundo. Para gerar famílias novas, para ser instrumentos de transformação e de santificação do mundo, temos que fazer um caminho diferente, com características próprias deste novo de Deus, com as características próprias da Vocação, do Carisma e da Comunidade de Vida.

Se fizermos um caminho de namoro igual ao do mundo, não estamos transformando nada. Nem a própria vida, nem o namoro, nem um possível matrimônio irão contribuir para a transformação do mundo. Nós somos chamados a viver como identidade, como missão, um caminho para o Sacramento do Matrimônio. Um caminho novo, e este caminho novo é um namoro novo também, para gerar famílias novas, para gerar um mundo novo, porque não haverá um mundo novo se não houver famílias novas. E a nossa contribuição para esta sociedade nova é a nossa identidade, é o nosso Carisma, por isso é necessário aprender com Deus, aprender na luz do Evangelho, aprender na luz do

Carisma, como viver este caminho novo, como viver este namoro novo.

## **O Sacramento do Matrimônio**

Nós vivemos em uma realidade em que o Sacramento do Matrimônio é profundamente aviltado. Podemos constatar o número de separações realizadas no mundo. Antes disso, deparamo-nos com o número de pessoas que já não se casam, que desconhecem o valor do matrimônio e de ser cristão. Entre aqueles que se casam, muitos deles não têm a menor noção do grande passo, do grande chamado que é o sacramento, e nós, como Comunidade, somos chamados a dar uma resposta a estes desafios do mundo de hoje. Muitas vezes, a mentalidade do mundo é tão forte e o pecado está tão enraizado que acaba penetrando na nossa vida, na nossa história e no interior mesmo da nossa Comunidade. Nós precisamos da ajuda da graça e da misericórdia de Deus, da ajuda dos irmãos para trilharmos um caminho autêntico, discernido, coerente, para construirmos algo que seja verdadeiro diante de nós mesmos, diante de Deus, diante da Comunidade, da Igreja e do mundo.

Não podemos nos portar de uma maneira ingênua, porque terminaremos sendo vítimas e não realizando a nossa missão, não contribuindo com a nossa própria vida, com o nosso estado de vida, a sermos instrumentos de edificação da Igreja e transformação do mundo. Por isso Deus nos constituiu Comunidade de Vida, por isso gera e chama famílias para esta vocação, porque deseja dar ao mundo um caminho diferente, um sinal, uma luz para esta vivência do Sacramento do Matrimônio no mundo de hoje.

### **A vida fraterna mista**

No Artigo 63 de nossos Estatutos, falamos de uma das contribuições deste “novo” que Deus faz no meio de nós, que é a vida fraterna mista. Ele diz: *“A vida fraterna mista e com formas de vida diversas é um grande dom para a Comunidade e para a Igreja. Como parte integrante do Carisma, ela manifesta o mistério da unidade da Trindade e a beleza da complementaridade que, na castidade de Cristo, pode ser manifestada ao mundo como testemunho de comunhão fraterna e missão”*.

Esta é uma das características do Carisma Shalom. Deus está fazendo uma coisa nova na Igreja. Por meio de nós e de outras comunidades, está mostrando uma vida fraterna mista, que é possível diante de um mundo tão marcado pelo sensualismo, pelo hedonismo, pela instrumentalização do outro. Diante de um mundo onde homens e mulheres muitas vezes se olham simplesmente pela ótica do prazer, da afetividade desordenada e não se reconhecem como filhos de Deus. Diante deste mundo, somos chamados a dar um testemunho diferente, de que é possível ver homens e mulheres viverem uma vida fraterna, uma vida comunitária e que podem dar um testemunho do seguimento de Cristo, da castidade de Cristo.

Lembro-me muito bem que quando começamos a vida comunitária e no seu decorrer, algumas pessoas faziam este tipo de comentário: “Preocupa-me muito vocês estarem em uma vida comunitária mista, porque, assim, o homem é como a terra com suas riquezas, de onde a planta tira o alimento, e a mulher é como a água, fonte de vida; mas, juntou terra e água, dá lama”. Havia pessoas que faziam exatamente esta comparação para mim. Eu dizia que não, que se você junta muita terra e muita água, de uma forma desordenada, dá lama, mas se você deixa cair a água como uma chuva fina sobre a terra, fecunda, então o fruto será a vida.

Nós nos sentimos chamados a dar uma proposta de vida. Não somos chamados a dar testemunho de lama para o mundo, porque é isso o que o mundo muitas vezes espera. Em Jesus Cristo, é possível uma vida comunitária mista, gerando fecundidade. Temos a responsabilidade muito grande de darmos esta contribuição para a Igreja, de uma vida fraterna mista, na sua diversidade, porque Cristo ressuscitou.

Lembro-me também de que um bispo nos dizia: “Muitas pessoas pensam que não é possível homens e mulheres viverem em uma vida fraterna ou ter famílias dentro da Comunidade de Vida, mas se não podemos, significa que o pecado é mais forte do que o homem e significa que Cristo não ressuscitou”. No mundo de hoje, em que o pecado toma cores tão fortes, somos chamados a dar também testemunhos muito fortes. Uma família e um namoro casto dentro de uma comunidade, um caminho de discernimento sério dentro de uma comunidade, homens e mulheres vivendo uma vida fraterna em e com castidade, são sinais de que Cristo ressuscitou, de que o pecado não tem a última palavra, de que Jesus Cristo tem a última palavra. É um testemunho da vitória de Cristo sobre o pecado, e nós somos chamados a ser testemunho.

### **A castidade é a fonte!**

Encontramos a fonte de uma vida fraterna mista que vai gerar sacerdotes, famílias, namorados, celibatários. Qual é a fonte? A castidade. Na castidade de Cristo, a vida fraterna vai dar seu testemunho de comunhão, de missão, de complementaridade. O homem e a mulher, em castidade, podem se complementar e dar um testemunho forte para o mundo de hoje que desconhece e despreza a castidade, que não sabe o que ela é.

Quando você fala em castidade as pessoas não têm mais parâmetros para entendê-la. Não sabem mais o que é pureza, beleza, inocência, continência. Estas palavras não têm mais valor para o mundo. Muitas das nossas crianças são feridas na inocência muito cedo. Todo mundo se escandaliza quando vê os escândalos de pedofilia no mundo, mas isto é fruto de uma sociedade afetivamente, sexualmente e humanamente doente, que perdeu o senso do amor, da beleza e da castidade.

Uma vida fraterna mista, em uma sociedade tão ferida como a nossa, é um testemunho muito forte. A castidade é o grande testemunho que somos chamados a dar. É nela que serão gerados os sacerdotes, as famílias e os celibatários.

“Tal vivência, como todo dom precioso, é, também, um desafio” (ECCSh 63). Claro! No mundo em que vivemos e nas concupiscências que trazemos, nas tentações que nós enfrentamos, é um desafio! Desafio que nos convida a um autêntico espírito de prudência.

## **Castidade e prudência**

O caminho de namoro dentro da Comunidade de Vida é como todos os outros estados de vida.

Um caminho para o sacerdócio é preciso ser um caminho de castidade e de prudência, porque sabemos como está a situação de muitos de nossos padres na Igreja no mundo de hoje. Por isso um ambiente, um caminho onde se cultiva castidade e prudência é indispensável. Também da mesma forma os celibatários. E para construirmos famílias novas, para construirmos matrimônios segundo o coração de Deus, segundo o Carisma Shalom, para testemunharmos ao mundo, para vivermos a nossa missão, precisamos fazer um caminho, dentro deste Sacramento do Matrimônio, de castidade e de prudência, como em todos os outros estados de vida. Tudo para que este dom seja vivido de forma saudável e favoreça o desabrochar e o desenvolvimento de cada pessoa e de sua vocação específica.

Este é o caminho. Este é um dos princípios que nós, como Comunidade, queremos favorecer para que cada pessoa possa desabrochar e desenvolver de forma saudável a sua identidade como pessoa, a sua vocação. Para isso, é importante, na nossa forma de vida mista, com vários estados de vida juntos, o elemento da castidade e da prudência para que cada pessoa possa desabrochar e desenvolver sua identidade como pessoa, como Vocação Shalom, e também possa viver sua vocação específica, seu estado de vida. É neste clima que vamos desenvolver.

## **Caminhada e namoro**

O que é uma “caminhada” de namoro? É um caminho de discernimento para o estado de vida no matrimônio, assim como nós temos um caminho de discernimento para o estado de vida no sacerdócio, em que um rapaz vivencia todo um processo até chegar a ser seminarista, passando ainda por longos anos de estudos e estágios pastorais. Neste caminho, muitos podem ver que não é bem isso e sair. Ou seja, existe um caminho para abraçar o “sagrado” desta vocação específica.

Porque acreditamos que o Sacramento do Matrimônio é um grande dom, precisamos também fazer um caminho. É importante este caminho de prudência, de castidade, de discernimento para receber o sagrado dom do matrimônio.

Vamos agora ao Artigo 84, que nos fala sobre a castidade, este ambiente interior e

exterior indispensável a ser cultivado – interiormente, dentro de cada um de nós, e exteriormente, nos nossos relacionamentos e na nossa vida comunitária.

*“A castidade é um chamado que o Senhor nos faz para ser vivido por todos na Comunidade. Cada membro receba este dom e se comprometa a vivê-lo segundo a forma de vida ao qual o Senhor o chama. Em sua fonte, a castidade se constitui no Amor Esposal ao Senhor e no desejo de amá-lo e servi-lo como Esposo de nossas almas, amando-o com todo o coração, alimentando assim a caridade e a fraternidade na Comunidade”.*

## **Amor Esposal, fonte da castidade**

Qual é a fonte da castidade? O Amor Esposal. Ferir a castidade é ferir o cerne da nossa vocação e é comprometer nossa identidade mais profunda, porque somos chamados a seguir Jesus Cristo dentro da Vocação Shalom. A castidade está ligada a esse Amor Esposal porque é amor, por isso, não trabalhar decididamente a dimensão da castidade, em todos os seus aspectos, vai comprometer claramente o Amor Esposal e, com isso, desordenar toda a nossa vida, a nossa identidade, a nossa vocação, o nosso chamado. Cultivar o Amor Esposal é, portanto, cultivar a castidade e garantir a vivência da minha vida vocacional como Comunidade e como Comunidade de Vida. É favorecer, de todas as formas, um bom caminho de discernimento e uma boa frutuosidade do meu estado de vida.

Num dia desses, eu conversava com uma pessoa que estava vivendo um momento de crise vocacional muito grande. Conversamos sobre cada problema até esgotá-los. Deus me dava uma palavra: existia algo que estava minando toda a vocação desta pessoa. Eu dizia: “Pergunte o que é, coloque-se diante de Deus, consulte a Deus”. Isso foi há algum tempo.

Em seguida, encontramos uma pessoa que nos disse o que o Padre Lethel havia falado em Roma sobre a vida consagrada. Ele afirmou que a raiz de todas as crises vocacionais, se formos ao mais profundo delas, está no comprometimento do Amor Esposal. Nós nos entreolhamos e dissemos: “Aí está aquilo que não sabíamos o que era!”. Verdadeiramente, muitas das crises que nos perturbam e nos desnorream, se formos olhar a sua raiz, estará nesta realidade: o descuido do cultivo do Amor Esposal. Portanto, a não vivência da castidade atinge de uma maneira muito imediata esse Amor, comprometendo o todo, contaminando o resto.

Dentro da nossa vocação, o Amor Esposal é para todos, e cada um o vive de uma forma diferente. O celibatário vive e o cultiva de uma forma própria, de uma maneira concreta. Podemos dizer que ele oferece o seu corpo de uma maneira esposal também. No matrimônio, o casal vive essa esposabilidade na sua alma e também nos seus corpos, na união com o seu cônjuge, mas sempre lembrando que a esposabilidade última deles é Deus, é o Senhor. Por isso, o Amor Esposal é um caminho indispensável também para

aqueles que estão dentro de um processo de discernimento para o matrimônio. A castidade é, portanto, o grande veículo, a fonte que alimenta o Amor Esposal, favorecendo a caminhada rumo à concretização do estado de vida.

E agora o Artigo 87:

*“Os membros ainda em processo de discernimento da sua forma de vida abracem o dom da castidade como sinal da pureza em Cristo. Vivam em continência e busquem de todo o coração e com toda a sinceridade discernir o chamado para o qual o Senhor os escolheu para melhor amá-lo e servi-lo. Cada membro esteja aberto à escuta do Senhor, não se deixando levar pelos apelos puramente exteriores, mas, na oração, oriente seu discernimento quanto ao chamado para o qual o Senhor o criou, a fim de abraçá-lo de todo o coração. A Comunidade e os membros que acompanham os que ainda não definiram sua vocação devem, preservando a liberdade de espírito de cada um, ajudá-los a discernir a forma de vida na qual o Senhor os chama a servi-lo”.*

Falando de forma e estado de vida, faremos sempre a associação com o dom da castidade, o dom da oração, o dom da escuta do Senhor, o dom da vida interior (de não estar ligado somente aos apelos exteriores), o discernimento, a ajuda da Comunidade, a voz de Deus e a liberdade de cada um. Tais elementos são muito importantes para estar presentes dentro de uma caminhada de discernimento do estado de vida.

A caminhada seminarística é uma caminhada de discernimento. O seminarista ainda não está no seu estado de vida definitivo, ainda não o decidiu. Da mesma forma, o namorado ainda não está na sua forma definitiva de vida, mas ainda está em um processo de um discernimento que já deu passos, que já tomou uma direção, por isso a oração, a castidade, o discernimento, a escuta da voz de Deus, a ajuda da Comunidade, o respeito pela liberdade de cada um são elementos muito importantes durante todo este caminho. Levando em conta estes fundamentos, vamos agora às coisas concretas:

## **O Sacramento do Matrimônio, sua dignidade e importância**

Comecei a conversar com um jovem que estava querendo fazer um discernimento sobre vários aspectos da sua vida. Ao longo da conversa, entramos na discussão sobre o discernimento de namoro. Falei um pouco acerca da castidade e da prudência. Ele disse em seguida: “Ah, Moysés, lá vem você com essa conversa de Comunidade de Vida. Todo mundo sabe que esta história de namoro na Comunidade de Vida ‘embaça’”. Eu pedi que ele me explicasse melhor, e o jovem continuou: “É que na Comunidade de Vida as pessoas não deixam o ‘negócio’ acontecer naturalmente. Surge o sentimento e aí o pessoal fica logo com o pé atrás, não deixa o processo seguir de forma natural. Quando o sentimento começa a surgir, já dizem para procurar escutar a Deus e aí já vai ‘embaçando’”. O vocabulário dele era este: “Embaçando, porque não deixa o processo seguir natural”. Falei então que isso não é “embaçar” e que, talvez, o verbo dele poderia ser melhorado. Explique-lhe que na Comunidade de Vida nós tentamos iluminar. Não se



tenta embaçar, porque se o processo é puramente natural, ele pode ser feito como estamos vendo por aí. E como está sendo feito em todo o mundo? “Como estão os relacionamentos dos seus amigos namorados? Como estão os relacionamentos das famílias que você conhece?”, perguntei a ele.

A situação em que este jovem estava era bem complicada. Ele foi reconhecendo que as situações de namoro dos seus amigos era a pior possível. Na família, o tio era separado da esposa, os pais viviam em crise. Então eu disse: “Pois é, se a gente deixa só o ‘natural’ acontecer, aí é que ‘embaça’”. Para nós, o Sacramento do Matrimônio é de alta dignidade. Não é uma vocação de segunda classe, por isso é que queremos ‘desembaçar’, ou seja, tirar toda a penumbra para se enxergar melhor, para ver o que vem na frente, porque senão você vai terminar sobrando em uma curva como os seus amigos e seus familiares sobraram, e eu vou lhe dizer, para este caminho, ‘o sobrar em uma curva’ é cair em um precipício, não tem volta”.

Queremos dar matrimônios autênticos, verdadeiros, por isso é muito importante que os membros da Comunidade tenham esta consciência. Não estamos querendo prejudicar a caminhada de ninguém, mas orientar uma caminhada de discernimento para o matrimônio, uma caminhada de namoro, porque não queremos que sejam construídas famílias que, mais na frente, estejam sendo causa de escândalos para vocês mesmos. O Sacramento do Matrimônio é um caminho sem retorno, então, temos de tomar a via certa. É algo tão sagrado que, no plano de Deus, é de caráter definitivo.

As coisas belas e sagradas têm que ser tratadas de forma delicada, de forma prudente e sábia. Por isso é que a Comunidade tem todo este zelo e continuará a ter, para acompanhar as pessoas que estão em um processo para o matrimônio, para ajudá-las a tomarem decisões definitivas na vida e não ao sabor do mundo de hoje, da mentalidade do mundo; para não tomarem uma decisão que possa, mais na frente, comprometer a sua vida, a sua história e a vida do outro. E não só a vida do outro, mas também a dos filhos. E não só a do outro e de seus filhos, mas da Comunidade. E não só a sua história, a do seu cônjuge, a dos seus filhos e a da Comunidade, mas a da Igreja e a do mundo também. Vejam! Não é “a minha vidinha aqui sozinha e ninguém tem a ver com isso”, não! Tudo e todos têm a ver com isso, porque a sua vida diz respeito a Deus e a nós, à Igreja, à Comunidade e ao mundo. Nós queremos favorecer isso, preservando a liberdade de cada um.

Você quer seguir a Jesus Cristo? Você acredita neste caminho? É muito importante acreditar no caminho da vida comunitária e no caminho que a Comunidade propõe para o discernimento do seu estado de vida e para o caminho a ser trilhado nessa direção. É fundamental acreditar que este “novo” de Deus pavimenta um caminho para o seu estado de vida. É importante acreditar que a Comunidade está preocupada com você, e preocupada com você, está pensando no seu futuro, e pensando no seu futuro, pensa no futuro do seu cônjuge, dos seus filhos, da Comunidade, da Igreja e do mundo.

## **O Sacramento do Matrimônio e o valor da vida**



Falar do Sacramento do Matrimônio é falar da vida. Vivemos em um mundo que nega o seu valor por meio da manipulação genética, da fecundação in vitro, do aborto... O mundo de hoje desconhece o sentido profundo do amor, vivenciando-o de forma completamente deformada e egoísta. O egoísmo é uma negação profunda do amor. Nega-se a vida, nega-se o valor da pessoa humana, porque se eu não amo, então o outro só tem valor para mim na medida do meu egoísmo. Nesta perspectiva, a pessoa não tem dignidade em si mesma, o valor dela depende da nossa satisfação, e isto é instrumentalizá-la.

O mundo joga sobre nós um modelo de relacionamento que faz uma confusão na identidade de quem nós somos, de quem é o homem em nível antropológico. E isso tudo só podemos compreender em plenitude quando descobrirmos Deus, porque Ele é a realidade fundante do homem e de tudo, e que mostra ao homem quem ele é realmente.

O homem moderno perdeu a sua identidade, desceu da sua dimensão de filho de Deus e quis se igualar com e como os animais, em relação à sua parte instintiva. Perdeu a consciência mais profunda da sua natureza e, por isso, surgem todas as confusões de identidade que vemos no mundo de hoje.

Assim como o valor da vida, da pessoa humana e da identidade, o homem nega o valor da castidade. Como eu dizia no início, não se sabe mais o que é a castidade. Pergunte a um jovem do Projeto Juventude e já se percebe a dificuldade em defini-la. Peça também para que um jovem do mundo lhe diga o que é a castidade. Talvez seja importante fazermos esta pergunta até mesmo dentro da Comunidade de Vida. O mundo tirou este conceito e, por isso, nega o valor da família.

A família é o santuário da vida. A família deve ser o lugar em que o amor deve ser cultivado e animado. É o espaço em que a pessoa humana se desenvolve e chega à maturidade. Na família é gerada e formada a minha identidade, é onde eu vou encontrar a minha identidade de filho de Deus, a minha identidade de homem, de mulher. A família deve ser uma fonte de castidade. Infelizmente, ela vem sendo eliminada, e vemos isso no mundo inteiro, com políticas de governo que, muitas vezes, tem em vista destruir a família.

O mundo tem negado o valor do amor, o valor da vida, da pessoa humana, da identidade, da castidade e da família. Tenhamos atenção, pois também podemos ser influenciados por ele na nossa concupiscência, porque as nossas famílias também foram, de alguma forma, atingidas por estas negações, seja no colégio, na nossa educação, na nossa formação humana.

### **Caminho de cura e edificação**

No mundo em que estávamos inseridos e na nossa concupiscência, encontramos muitas vezes falsos valores que o Senhor, na Sua obra, vai libertando, curando, resgatando e salvando. Percebemos que somos feridos tanto espiritualmente como

humanamente. Somos feridos no campo do amor, da nossa identidade, da nossa castidade, da nossa afetividade, da nossa sexualidade, no campo dos nossos relacionamentos. Por isso, para Deus construir a Sua obra nova em nós, temos de levar em conta tudo isso dentro do caminho de santificação e formação no nosso estado de vida. Precisamos ter consciência desse processo e, por meio da oração, da castidade, da prudência e da ajuda da Comunidade, favorecê-lo em tudo, para que o relacionamento que Deus nos chama a construir com alguém trabalhe o seu sentido autêntico, para que Ele, por meio deste relacionamento, também cure as nossas feridas no campo do amor, da nossa identidade, da nossa castidade e da nossa afetividade.

Por isso que a Comunidade tem de favorecer que o caminho para se chegar à consumação do matrimônio seja um caminho de cura, de edificação, de construção, não obstante os limites e as fraquezas que a nossa humanidade traz, mas, inclusive, levando-as em conta. A pessoa e a Comunidade devem estar dentro de um processo, dentro de um caminho de cura destas realidades.

Neste caminho de cura, de discernimento e de concretização do nosso estado de vida, há uma trilha muito própria que a Comunidade oferece, que é a trilha do Carisma, levando em conta que somos uma comunidade mista, levando em conta o dom próprio que trazemos para a Igreja e as características próprias vivenciadas na Comunidade de Vida. Ela vai dando este caminho para cada membro da Comunidade, que, juntamente com o formador pessoal e comunitário, já tendo iniciado um discernimento, acredita que essa é a direção: o Sacramento do Matrimônio.

Este é um caminho que você, progressivamente, no tempo certo, vai trilhar com alguém. Em que você vai trilhá-lo do jeito que você é, com a graça do seu encontro com Nosso Senhor Jesus Cristo, com a graça da sua intimidade com Deus, dos sacramentos que você recebeu, com as graças da filiação divina que você porta, do carisma que você carrega em si e com todas as suas feridas nas áreas do amor, da sua identidade, da castidade, dos relacionamentos, da família e da sexualidade.

Às vezes, pensamos que o caminho para o Sacramento do Matrimônio já começa com a outra pessoa do nosso lado, no entanto, é um caminho que se inicia de maneira pessoal: você e Deus. Dentro deste caminho, Deus, no momento certo e de acordo com a Sua vontade, coloca alguém do nosso lado para caminhararmos juntos e, finalmente, concretizarmos aquele estado de vida, encerrando uma etapa, para começar a outra.

Em seguida, vamos falar exatamente desta indispensável preparação e discernimento, que são próprios deste caminho para o Sacramento do Matrimônio.

## **PARA REFLETIR, REZAR E PARTILHAR**

1. Destaque os aspectos mais relevantes que são propostos para um caminho de preparação ao namoro.

2. O que faz ser diferente o caminho de preparação ao Sacramento do Matrimônio dentro da Vocação Shalom?

3. Qual a relevância deste “caminho diferente”?

4. Como você identifica em sua vida afetiva toda essa preparação proposta pelo Carisma? Que desafios encontra para vivê-la?

5. Apresente ao Senhor toda a sua reflexão com este texto, expondo os desafios, as falhas, as conquistas e escute o que o Senhor orienta. Retire um propósito concreto para vivenciar este caminho e pea a ajuda Dele.

6. Partilhe com seu formador pessoal e comunitário ou acompanhador os frutos de sua reflexão e oração.

### **Formação sobre namoro<sup>4</sup> (parte 2)**

Finalizei a primeira parte dizendo que Deus nos dava uma via onde se tem o necessário e o indispensável caminho de discernimento e de preparação para o Sacramento do Matrimônio dentro da Comunidade de Vida. Temos de levar em conta algumas coisas dentro desta via.

Em primeiro lugar, estamos desenvolvendo um caminho novo para darmos discernimentos sólidos, autênticos, para que esse caminho seja um caminho de cura e de concretização do matrimônio. Um caminho novo e um caminho próprio do Carisma, um caminho que é dentro da realidade de uma Comunidade de Vida.

### **Nossa vivência nos impele**

Dentro dessa realidade, temos uma característica muito importante, como já dizíamos: a vida comunitária é mista. Essa vida mista traz uma convivência intensa, por exemplo: acordamos e a primeira coisa   estarmos na missa juntos. Os rapazes moram na sua casa, as moças na sua, mas já nos encontramos na missa, todos juntos. Depois tomamos as refeições juntos. Passamos as manhãs de formação juntos. Depois temos os trabalhos e, em muitos casos, juntos.

Entre homens e mulheres que convivem intensamente   normal surgir muitas vezes sentimentos. Estranho   se não surgirem. Há os apelos exteriores que influem em nossa sensibilidade. Porém, um sentimento não é a garantia de um chamado. E aí entra o princípio de que a convivência mista e intensa que uma Comunidade de Vida tem, favorece muitas vezes o surgimento de afetos. Independente dessa convivência intensa e independente da convivência mista da Comunidade de Vida, sabemos que o normal e até natural será, muitas vezes, ao encontrarmos uma pessoa que, nas suas características nos

atraia, sermos levados a nutrir sentimentos por ela.

Existem sentimentos de várias naturezas, e uma dessas que podem fazer surgir é o sentimento de atração entre o homem e a mulher. O fato de existir esses sentimentos já não nos garante nem nos define um chamado ao estado de vida do matrimônio. Também não é de se ignorar, mas de saber que nesse contexto comunitário, é muitas vezes natural o surgimento de paixões. Este é um primeiro ponto que eu gostaria de falar com vocês.

### **Sentimentos: as paixões e o amor**

As paixões são coisas que todas as pessoas têm nas diversas etapas da vida. Podem acontecer na nossa adolescência, juventude e vida adulta. Dizem respeito até a nossa afetividade e a nossa química mesmo, ou seja, a paixão em si não é garantia de um chamado, ainda mais quando temos uma vida mista e uma convivência intensa que as favorecem. Uma paixão pode surgir no coração de um jovem solteiro por uma outra jovem solteira. Inclusive pode surgir no coração de uma pessoa consagrada no celibato; e pode surgir no coração de alguém que está casado.

Sendo assim, a paixão é um fator decisivo para um discernimento, para iniciarmos um relacionamento com alguém, sim ou não? Não. Ela deve ser levado em conta, mas tem que existir uma série de outros critérios que vão nos ajudar a discernir um chamado de Deus ou não.

Porque se “paixão” fosse coisa definitiva, um padre não poderia jamais se apaixonar, ou um consagrado, então uma pessoa já casada não poderia sofrer algumas crises de paixão, e isso pode acontecer. Ou vocês nunca viram situações de famílias, de matrimônios em que, de repente, o homem se apaixona por outra mulher? Vocês já ouviram falar desta história por aí? É só o que, infelizmente, muitas vezes a gente encontra. Ou a mulher se apaixona por outro. Só que estão ligados pelo Sacramento do Matrimônio, que é o selo do amor. Paixão não é igual a amor. Paixão não é obrigatoriamente igual a amor. Podemos ser acometidos por paixões nas diversas etapas da nossa vida, mas é diferente do amor.

O amor não é simplesmente um sentimento. Ele comporta um sentimento, mas tem a dimensão do *eros* e do *ágape*. O amor, no sentido amplo, é uma decisão da minha vontade. No campo do relacionamento do homem e da mulher, alimentados por uma afinidade, uma inclinação, uma complementaridade, um sentimento, com todos estes componentes, e por uma decisão da vontade – dentro de um processo de discernimento – decide-se por alguém, para dar a vida para esta pessoa e, junto com ela, doar a vida juntos a Deus e aos outros. O amor é uma realidade muito mais profunda. Ele implica em uma decisão recíproca (falando do amor humano), em uma decisão recíproca de um para o outro, em que um encontra no outro uma complementaridade, uma afinidade, uma atração também, e uma comunhão que faz com que se tome uma decisão – à luz de Deus e, também, da inteligência e da vontade, – de ofertar a vida para esta pessoa e,

juntos, ofertar a vida a Deus.

Então, é um primeiro ponto que é muito importante levarmos em conta. Não basta surgir um sentimento para eu dizer que é a vontade de Deus, que minha vocação é o matrimônio, que esta pessoa é a escolhida por Deus, e começar concretamente a dizer que quer namorar e começar a namorar com esta pessoa. Muitas vezes, estas paixões agudas ou crônicas que temos não significam que vão gerar aquele amor verdadeiro. Aquele amor que impele a minha alma e o meu coração a me decidir, aquela justa e amadurecida inclinação para o outro que não é só um fogo, mas que me faz decidir, na luz de Deus, que Deus deseja me unir àquela pessoa, que Deus deseja que eu oferte a minha vida a essa pessoa, e essa pessoa também deseja se unir a mim, ofertar sua vida a mim, para juntos ofertarmos a nossa vida a Deus.

### **A postura de discernimento**

Quando surge um sentimento, a primeira coisa que eu tenho a fazer é procurar, dentro de um caminho, colocar tudo isso que se passa dentro de mim diante de Deus, porque Deus é a luz, e Deus é a verdade. Procurar aqueles que me acompanham e partilhar com eles o que se passa dentro de mim, e não ter nenhum tipo de atitude que vá me comprometer ou que vá comprometer este primeiro discernimento que se passa dentro de mim. Esse é o primeiro grau de um discernimento.

Eu já estou falando sobre isso, pois estou falando para alguém cuja vocação é o matrimônio. Uma vez que, antes deste grau, está aquele que falamos na primeira palestra acima, que é o discernimento do estado de vida. Você já fez um processo, já acredita que Deus lhe chama ao matrimônio, você já se abre para esta possibilidade. No seu horizonte, o que você tem? Você já fez um discernimento anterior! Atenção que isso é muito importante! Você precisa, em primeiro lugar, fazer aquele discernimento básico: “Ao que Deus me chama?”. É aquele discernimento anterior que é muito sério e profundo. Você precisa fazer o discernimento do seu estado de vida.

Fazer este discernimento base do seu estado de vida não é o definitivo, e isso é muito importante, ele não é definitivo. Você caminha para uma definição, mas não é algo definitivo. Por exemplo, você fez o discernimento que o seu caminho é a vocação ao seminário, então você caminha nessa direção, tem isso definido. Quando é que isso vai se tornar definitivo? Na Ordenação Sacerdotal. Você faz o discernimento para o celibato consagrado, que se torna definitivo na sua profissão de votos, na sua consagração. Você faz um discernimento que é o Sacramento do Matrimônio, que se torna definitivo quando você se casa. Mas isso está já definido, então estou falando de uma pessoa já definida.

Uma pessoa já definida em seu estado de vida não quer dizer que já chegou ao definitivo. Ela ainda está em processo de discernimento, podendo voltar atrás, com bases bem claras, bem discernidas; pode, na sua liberdade, tomar outra decisão; contudo, não com bases simplesmente exteriores, mas diante de Deus que é a verdade, que é a luz,

que é o amor.

Você começa, então, um processo de definição. Estou falando de uma pessoa que já está definida para o Sacramento do Matrimônio, que já fez todo um processo, que já caminhou com o seu formador pessoal e que acredita que esta é a direção para ela. Você se abre interiormente para ouvir a voz de Deus e para esperar encontrar alguém que será, provavelmente, aquela pessoa que Deus vai lhe dar para caminhar na direção do matrimônio.

### **Segundo degrau: o caminho é interior e de fé!**

Esse segundo degrau para aquela pessoa que está dentro de um processo de caminho para o matrimônio, é algo interior e é muito importante que ela saiba disso, é algo pessoal. O primeiro é pessoal e o segundo também o é, ou seja, a pessoa se abriu e está atenta a Deus, ao que Ele vai mostrar e ao que a vai conduzir.

Neste estar atento a Deus e ao que Ele vai conduzir, surgem vários sentimentos. Pode ser só um, mas poderão surgir vários sentimentos. Você poderá ter uma inclinação por uma pessoa, ter um sentimento por outra. O que acontece? Teve o sentimento por alguém e já vai lá, dar a entender que está interessado, já vai à conquista... É assim? Não.

É um segundo momento interior seu. Se você se sentiu despertado por alguém, você tem que começar a rezar, colocar-se diante de Deus sobre este assunto. Você começa um caminho. A partir daí usamos o termo “caminhada”. Este termo é muito interessante! Ele se transformou dentro da Comunidade em um “namoro”, em que as pessoas já se declararam uma a outra só que não houve abraço, nem beijo e nem tem vínculo, quer dizer, tem vínculo, mas não tem compromisso. E tem, não é?

É meio confusa a definição de caminhada que muitas vezes se vive dentro da Comunidade hoje. É muito confusa, porque a caminhada não é bem isso que às vezes a gente vê. Porque a caminhada começa, primeiro, dentro de mim, pessoalmente. Eu vejo uma pessoa, começo a ter uma inclinação para ela, começo a ter um sentimento, ou pode não ser um sentimento, mas uma pessoa me chama a atenção. Então eu começo a, diante de Deus, rezar sobre isso, colocar diante de Deus, e o meu exterior continua normal.

Eu não inicio um caminho de conquista, porque são essas precipitações que complicam um discernimento e que mostram, muitas vezes, as feridas e a falta de entendimento que a gente tem de um relacionamento a dois, porque começamos a trazer muitos elementos do mundo.

Nós queremos uma coisa nova, um caminho novo! Queremos desenvolver um caminho novo no relacionamento, no caminho para o Sacramento do Matrimônio. Assim, a primeira coisa a ser feita é, se surgir um sentimento, uma inclinação ou uma



pessoa começa a lhe chamar a atenção, comece a colocar a realidade, essa pessoa diante de Deus: você e Deus. Não parta logo para mostrar as suas intenções, a sua inclinação. Não revele de uma vez os seus sentimentos e, sobretudo, não se declare, porque isso compromete muito o futuro do próprio discernimento que você está fazendo e acaba precipitando muitas coisas. Depois, você vai ter que fazer muito esforço e sacrifício para poder ordenar o processo. E, se não for à luz da vontade de Deus, vai ser difícil rever e desfazer expectativas geradas sem bases sólidas, porque você colocou o carro “na frente dos bois”. Então siga o processo, e o processo é um ato de fé, você é convidado a um ato de fé.

Nós queremos fazer um caminho em que há fé, em que há confiança em Deus. Sabemos que Deus está à frente, sabemos que Ele conduz a nossa vida. Queremos fazer um caminho com o Senhor e não um caminho só com as nossas próprias mãos. Queremos fazer Deus e nós, mas Deus na frente. Isso implica em um ato de fé. A partir disso, começo a fazer um caminho interior, uma caminhada dentro de mim, uma caminhada em relação a esta pessoa a quem me sinto inclinado, ou que me chama a atenção, ou por quem tenho um sentimento. Vou me colocando diante de Deus em oração, e vou deixando que o próprio Deus amadureça isso em mim.

Este é o segundo degrau: você começou a rezar, começou a colocar diante de Deus essa pessoa. Você começa a ver mais questões sobre ela, começa a conhecê-la um pouco mais, e aí entra o terceiro degrau.

### **Terceiro degrau: partilhar com o formador pessoal**

Muitas vezes acontece de, nesse segundo degrau que falamos anteriormente, você pensar em uma pessoa e depois deixar de pensar nela. Você tem um sentimento e depois ele vai embora. Essa pessoa lhe chama a atenção, mas depois você vê que não era bem aquilo. Então é você e Deus. Você não comprometeu ninguém, nem a si mesmo. Às vezes, somos tremendamente precipitados, impulsioneados pela concupiscência, pela mentalidade de conquista, de segurança. No primeiro sentimento já nos entregamos completamente a ele. Calma! Vamos colocando essas coisas diante de Deus. Isto vai ser um grande benefício para você. Não se jogue por inteiro em algo que você ainda não tem convicção, maturidade, discernimento, porque poderá ser um prejuízo para você mesmo e para o outro, porque às vezes como os sentimentos vêm, vão embora também. As inclinações, como vêm e entortam, desentortam. Então, saiba viver este processo. Isso se chama maturidade.

Se você vive com Deus, coloca-se diante dele, e aquilo toma uma forma mais concreta dentro de você, então é hora de chegar ao terceiro degrau: agora você começará a partilhar com seu formador pessoal e conversar com ele sobre este assunto. Nesta conversa, você poderá perceber suas motivações, e o seu formador vai lhe dar direcionamentos, “veja isso, veja aquilo...”, porque tem algumas coisas que são muito



importantes dentro de um relacionamento.

Antes de você dar passos mais largos, o formador pessoal vai lhe dar uma direção para iniciar esta caminhada, que já começou dentro de você. A primeira foi uma caminhada interior. Após pesar e conversar, seu formador dirá algo depois de amadurecer um pouco mais este sentimento, inclinação ou esta admiração – vejam que estou colocando três “substantivos”. Isso porque esses três podem existir: você pode ter um sentimento, ou uma admiração, ou uma inclinação por aquela pessoa, que lhe atrai de alguma forma. Talvez não seja nem um sentimento, mas aquela pessoa lhe atrai. Talvez não seja uma atração e nem um sentimento, mas talvez você só admire aquela pessoa. Ou você nem admire, nem se sinta atraído, mas tem um sentimento.

Assim, o seu formador poderá lhe dizer para iniciar um caminho, e o que é este caminho? É uma amizade. A pessoa talvez nem saiba ainda, e é bom que nem saiba de nada, pois o processo ainda está dentro de você. Então se inicia uma amizade.

## **A amizade**

O que é uma amizade? Definam o que é. Será que esta é uma palavra, como castidade, em que perdemos o sentido dela?

Definições dos ouvintes:

- É um relacionamento com alguém que você vai conhecendo aos poucos e aprende a ter confiança;
- É um relacionamento sem interesse;
- Amigo é uma pessoa com quem você pode contar e pode se abrir, tirar as máscaras.
- É um relacionamento em que você ajuda a pessoa a crescer naquilo que ela precisa e em que você também se deixar ajudar.

Na amizade, eu começo a conhecer o outro e me deixa conhecer, no espírito de acolhimento e de confiança, porque eu me abro para a pessoa. É uma confiança mútua, de reciprocidade.

Em primeiro lugar, é muito importante que haja uma reciprocidade gratuita. Às vezes, a amizade para a caminhada já é toda interesseira: eu vou ser amigo porque eu tenho de “cumprir uma tabela” para chegar a namorar aquela pessoa. Ou: como eu tenho que namorar com esta pessoa, eu tenho que caminhar, então eu já vou começar uma amizade. É exatamente assim que se compromete tudo, porque, dessa forma, você não vai se deixar conhecer, e isso é uma imprudência muito grande para você e para o outro.

A amizade não é simplesmente uma conquista entre homem e mulher. A amizade é um deixar-se conhecer e conhecer a outro na confiança, com um elemento de gratuidade; sendo que você ainda não tem um discernimento, não sabe ainda se esta pessoa é aquela

que você e Deus vão escolher. Esta escolha é de Deus e sua; também sua e da outra pessoa. É uma escolha recíproca, porque não adianta dizer que Deus escolheu tal pessoa e você a escolheu também, se você não perguntou a ela se ela concorda. Tem muita gente que diz: “Não, é a vontade de Deus. Deus já me deu. É meu. É o meu José”. Nesta história de “meu José e da minha Maria”, têm muitos Josés e Marias correndo por aí, não é? Porque se “queimam” determinados processos que são comprometedores. Você não sabe nem quem é ainda a outra pessoa. Você tem uma inclinação, uma admiração, um sentimento, mas você ainda não sabe quem é aquela pessoa. Você convive com ela, mas não sabe quem ela é. Entendam o que eu quero dizer! Às vezes, nós podemos (e como isto acontece!), apaixonar-nos por figuras fictícias. Por exemplo, eu conheço determinada pessoa e começo a me encantar por ela, a achar que ela é “isso e aquilo”, começo a criar expectativas. No entanto, pode acontecer de esta pessoa não ser aquilo que eu criei. Mas, mesmo sem conhecê-la, eu me empolgo, vou atrás dela e, muitas vezes, acabo entrando em situações que não são favoráveis nem para a pessoa e nem para mim.

## **Amizade X Caminhada**

É muito importante a caminhada ser entendida como um processo de amizade e nada mais do que isso. A amizade está no terceiro degrau. Ela não comporta declaração de sentimento, no sentido de você dizer que gosta da pessoa e já chamá-la para caminhar. Aí não é amizade, você já está declarando um sentimento especial. Por exemplo, quando você diz para alguém que quer caminhar com ela, você está declarando alguma coisa para esta pessoa, declarando que não quer só a amizade, mas algo mais do que a amizade. Você precisa conhecer um pouco essa pessoa e ela precisa lhe conhecer. Vai haver um momento da caminhada em que vai haver a declaração, mas ainda não é este momento.

E quando começou a caminhada? Começou dentro de você, ninguém sabia, nem o seu formador, era você e Deus. A caminhada começou aí. Depois chegou o momento em que o sentimento, a inclinação ou a admiração cresceu, e você viu a necessidade de partilhar com o seu formador, que disse para você começar uma caminhada de amizade. Quem está envolvido neste processo agora? Você, Deus e o formador. A outra pessoa ainda não está envolvida neste processo, ao menos conscientemente. Ela pode estar em um processo dela, mas você está no seu. Então você vai desenvolver uma amizade com esta pessoa, vai ser amigo dela e, lembrando, ser amigo não é partir para a conquista, porque você pode estar conquistando alguém que, depois, você não vai querer namorar. Tem a conquista da amizade e tem a conquista no sentido homem e mulher. Estou falando que você deve, primeiramente, conquistar para a amizade, e não indo para uma conquista homem e mulher.

Depois que você entra em uma amizade, deve levar em conta alguns pontos que são

muito importantes para as duas fases da caminhada, que se dividem em deixar-se conhecer e conhecer a outra pessoa. Você vai começando a ver a complementaridade e a afinidade necessária, dentro do processo de amizade. Ou seja, deve começar a perceber se aquela pessoa, a quem você está conhecendo e está se deixando conhecer, de alguma forma a completa, e vice-versa. Se os seus dons, se a sua identidade, se os seus gostos são complementares àquela pessoa, e também se ela lhe enriquece, edifica, constrói, e se esta complementaridade é mútua.

Para existir uma complementaridade é preciso que, antes disso, exista uma afinidade. Uma afinidade espiritual, uma afinidade humana, afetiva, sexual. Porque percebemos (e uma amizade vai nos ajudar a começar a perceber isso) que se começa a conhecer esta pessoa não só por fora, mas por dentro. Vou me aproximando dela e vou observando um pouco sua vida e sua maturidade espiritual, podendo ter oportunidades de partilhar. Vou observando os projetos que ela traz espiritualmente, os apelos de Deus que ela tem, e vou percebendo se isso tem afinidade com a minha vida espiritual e se isso me completa, se faz sintonia com os apelos de Deus para a minha vida.

Você vai conhecendo também a pessoa na sua dimensão humana. Vai observando um pouco a idade, a maturidade, a cultura desta pessoa, e vai percebendo se existe uma afinidade. Afinidade e complementaridade com a sua idade, com a sua cultura, com a sua maturidade, com a sua visão, com a sua dimensão humana, porque, muitas vezes, estas coisas são ocultadas pelas paixões. As paixões sufocam. Queremos tanto o objeto que não o enxergamos em suas características. Nesse ponto, a razão é muito importante também no tempo de conhecimento.

E o terceiro ponto: afetiva e sexual. Desculpem-me a expressão, mas às vezes queremos tanto uma pessoa, queremos tanto “arranjar” alguém, queremos tanto que apareça alguém que até “forçamos a barra” da nossa afetividade. Às vezes, você não gosta de uma pessoa, mas, mesmo assim, acaba dando vazão à sua carência. Não procura perceber se a sua afetividade realmente se inclina para aquela pessoa; se ela, humanamente, na sua sexualidade, complementa-o. Explicando melhor: você deve perceber se aquela menina, como mulher, não em um sentido mundano, mas no sentido da complementaridade, da sexualidade, na sua humanidade, na sua forma de ser, na sua forma de agir, na sua corporeidade, se ela lhe complementa, se você tem afinidade com esta pessoa. Porque queremos tanto ter alguém, que colocamos todas estas coisas de lado: o plano espiritual, o plano humano e o plano afetivo-sexual. Lá na frente, tudo isso vai gritar, tudo isso vai cobrar, vai bater na sua porta, e é o que você tem de levar em conta hoje.

Existem determinadas disparidades que você não vai conseguir conjugar bem no futuro. Determinadas questões que, quando a paixão é grande, tudo é dispensado. Mas será que você vai conseguir dar o passo para o amor? Porque, no amor, você vai ter que construir algo, vai ter que doar sua vida para aquela pessoa pelo resto da vida. Viver, para o resto da sua vida, com aquela pessoa que é mais nova ou mais velha do que você, ou que tem a sua idade, com aquela pessoa que pensa desse jeito ou daquele outro, que

tem aquela forma de agir, de viver, de ser, aquela cultura ou outra, que é mais ou menos inteligente do que você, que tem uma vida espiritual assim...

É essa identidade que você precisa ir conhecendo e percebendo se tem afinidade e complementaridade, ou se você está atrás de qualquer pessoa, “deu essa e essa dá”. As consequências podem ser desfavoráveis, entende? A amizade, então, favorece em tudo a você conhecer o outro na sua dimensão espiritual, humana e afetiva-sexual. E, assim, conhecendo mais e mais, entramos no próximo ponto.

### **Próximos passos...**

Junto com o seu formador pessoal você vai perceber se há uma identificação. Você, compreendendo que a admiração puxa o sentimento, que puxa também a inclinação, vai conhecendo o outro e percebendo uma reciprocidade não só no plano da amizade. Aí seria uma segunda fase da caminhada, em que as duas pessoas se percebem, mas não porque simplesmente foram, vamos dizer assim, declaradas ou foram insufladas, mas porque é o movimento de Deus mesmo e o movimento da amizade vai gerando isso.

Você já percebe que existe alguma coisa a mais do que a amizade. Os formadores e as pessoas percebem que é o tempo de uma caminhada mais, vamos dizer assim, concreta. Mas não há ainda uma declaração. É muito importante você ainda não se declare. A declaração é importante nas fases finais que precedem um namoro, porque, nela, por exemplo, você já percebe que a pessoa gosta de você e será criado um vínculo entre vocês.

E o que é o vínculo? O vínculo já é um namoro. Vocês já têm um sentimento um pelo outro, devem cultivar o relacionamento mútuo, mas não criar ainda um vínculo, que depois, se não for autêntico, dificulta ser desfeito.

Vem o momento do namoro. Tendo discernido, tendo conhecido um pouco um ao outro, tem-se todo um processo e, com o discernimento dos formadores, a pessoa dá o próximo passo e inicia-se o namoro.

### **O que é o namoro?**

“Pronto, namorei! É essa pessoa, vou me casar com ela! Já vou pensando onde é que vamos morar, aonde vai ser a nossa primeira missão, como vai ser o nosso casamento, quem vão ser nossos padrinhos...” Namoro é isso? Não. É normal que, às vezes, nossa fantasia caminhe um pouco à nossa frente. Por exemplo, quando um rapaz pensa em entrar em um seminário, ele já imagina a Ordenação, isso ou aquilo, claro! É normal! Mas, começar a conversar sobre isso... Imagina um seminarista, no primeiro ano do curso de Filosofia, já escolhendo a sua casula! É ridículo. É a mesma coisa de alguém, começando a namorar, já querer fazer a lista do chá de panela, ou já vendo quem serão

os padrinhos e madrinhas. É fantasia!

O namoro é aquela fase em que, vamos dizer assim, declaradamente, vocês assumem um vínculo que foi construído. Não é simplesmente um sentimento vago. Vocês assumem um vínculo que foi construído e foi discernido, e podem aprofundar este compromisso, assumindo-o. O vínculo é forte demais, não é? Assumem um compromisso que vão poder cultivar.

É muito importante porque é um compromisso de amor. Vocês querem construir um relacionamento de amor. O namoro é pensar: “Eu quero, eu acredito que tenho sentimentos, que tenho inclinação, eu discerni, acredito ser da vontade de Deus. O meu formador também acredita que este relacionamento é da vontade de Deus, assim, eu quero construir um relacionamento de amor, de amor humano com esta pessoa”. Então este relacionamento vai ser cultivado. Serão cultivados os sentimentos, a admiração, a amizade; e vão ser provados também, purificados, porque o amor, para ser amor, precisa de prova e precisa de purificação. Amor que não é purificado e nem provado não é amor. Não é amor! Por isso você tem que provar e purificar. E quem vai purificar e provar o amor?

### **As purificações**

Em primeiro lugar, Deus. O próprio Deus vai colocar circunstâncias e situações para alimentar o amor, pois ele precisa ser alimentado. É o mistério do relacionamento do amor, como acontece na nossa vida com Deus, nas nossas amizades, e até mesmo no matrimônio. O amor, se vem de Deus, Ele mesmo vai dar condições de alimentá-lo, e, ao mesmo tempo em que Ele alimenta, purifica, prova o amor, porque purificado e provado surge mais forte.

Deus vai purificar este amor para que Ele continue sendo Deus, para que Ele continue sendo Absoluto, para que a esponsalidade básica e fundamental não seja comprometida. É normal, quando começamos a gostar de alguém, a nos relacionar com alguém, a tendermos aos nossos sentimentos, aos nossos afetos. Como não são tão bem ordenados, tendem a absolutizar. Aí, o próprio Deus vai purificar, para colocar as coisas em ordem, no seu devido lugar: Deus no lugar de Deus, a pessoa no lugar da pessoa e eu no meu lugar. Às vezes, o sentimento tende a tomar tudo, tende a tomar o lugar de Deus, tende a tomar o lugar dos irmãos, da Comunidade, e não é favorável nem para o sentimento, nem para o relacionamento. Por isso, Deus alimenta o amor e o purifica, ao mesmo tempo, para que tudo vá se harmonizando e amadurecendo.

É Deus quem purifica para que o amor seja verdadeiramente amor: seja doação, seja realmente comunhão, tenha intensidade, tenha força, para que eu esteja harmonizado com os irmãos, com a vida comunitária, com a missão. Para que ele seja intenso, mas que não seja deformante, que não tome o lugar de Deus e dos outros.

Quem vai purificar também? O tempo. O tempo é um grande instrumento para

alimentar e purificar o amor. O tempo vai dar condições de os dois se conhecerem. Vai dar condições de vocês viverem esse amor estando perto e, também, na distância. É muito importante isso e, principalmente, na nossa vida comunitária.

Como temos uma convivência intensa, podemos muitas vezes confundir o amor com amizade, com admiração, com um respeito espiritual. Por isso, às vezes, o sair da convivência intensa é um grande auxílio em favor do amor, é uma grande proteção em favor do amor. “Ah, Moisés, por que um casal, dentro da Comunidade, quando está namorando e está tudo ótimo de repente se separa? É uma mania? Tem que separar?”

Não tem de separar, não. Mas, muitas vezes, a distância favorece. Para tudo há um tempo, e a Comunidade, dentro dos seus princípios, dentro de uma dimensão em favor da missão e em favor do próprio amor, tenta favorecer esse amadurecimento no relacionamento. Deus, às vezes, não age assim com a gente? Deus tem um momento de grande proximidade e às vezes tem um momento em que Ele se esconde, e Ele se esconde para quê? Para alimentar e purificar o amor. Pela nossa convivência intensa, dentro do tempo, o processo vai ser amadurecido, e dentro deste tempo, muitas vezes, dentro da Comunidade, vamos viver próximos e vamos viver distantes, e isso ajuda a alimentar e a purificar o amor.

O próprio relacionamento vai ser uma fonte para alimentar e purificar o amor. A Comunidade também vai ser um instrumento para isso. Muitos irmãos são agradecidos por todas as vezes em que a Comunidade favoreceu e por todas as vezes em que a Comunidade provou. Quando a Comunidade quis favorecer, estava pensando no relacionamento e na pessoa, e quando provou, também pensou. O desejo da Comunidade é favorecer o seu bem e construir um verdadeiro relacionamento que conduza a um autêntico matrimônio. A Comunidade não é alguém que está conspirando contra, mas as decisões que ela toma, e que às vezes até a contragosto, são em vista do bem.

Vejamos uma comparação: pode a Comunidade pedir a um irmão seminarista fazer dois anos de estágio pastoral. Ele continua seminarista, mas vai passar dois anos em estágio. Às vezes o seminarista diz que a Comunidade é contra a vocação dele. Ou seja, quando, dentro da caminhada do matrimônio, um vai sair em missão, os dois vão morar em cidades distantes, podem dizer que estamos contra o relacionamento, mas não estamos. Pelo contrário, estamos é a favor, porque, dependendo do tempo, é favorável a proximidade e é favorável a distância para alimentar e purificar o amor, para ajudar no próprio processo do discernimento.

### **O favorecimento do processo**

Aí está o seu papel e o da Comunidade: de, em tudo, favorecer esta ação de Deus para chegar a um discernimento sólido, que é espiritual e que é humano também. Humano porque passa pela sua inteligência, pois não é um discernimento para você se entregar a



um sentimento. Você deve se entregar para um amor. Para isso, devem ser vistos todos os elementos para discernir se é a vontade de Deus, se é a pessoa certa, para que você a ofereça sua vida.

E isso é um papel que passa por Deus, passa por você e passa pela Comunidade. O que a Comunidade e as autoridades devem fazer é favorecer este processo. Às vezes, favorecer é ajudar a alimentar o amor e, outras vezes, é ajudar a purificar o amor, para que seja forte, para que o discernimento seja autêntico e vocês possam tomar a decisão de construir uma autêntica família, edificada sobre a rocha, onde os ventos e as tempestades não destruirão, pois está fundamentada em Deus, na Sua vontade, no Carisma e na Comunidade.

Dizemos aos padres: “Em primeiro lugar você é Shalom, e você é padre. Um Shalom-Padre”. Também dizemos isso para as famílias dentro da Comunidade de Vida: “Em primeiro lugar você é Shalom, e você é família, como Shalom-família”.

Muitas vezes, o inverter do processo prejudica ao outro. Queremos que você viva, seja verdadeiramente um cristão, que tenha a marca do Carisma Shalom, que viva como Comunidade de Vida e viva o seu estado de vida, desabroche nisso, frutifique para a Igreja e para a Comunidade. Se invertermos as questões, terminamos por comprometer aquele próprio desenvolvimento que Deus está fazendo, e comprometendo até o matrimônio, a família e a sua doação, a forma como você se doa à Igreja e à humanidade.

### **A docilidade...**

Quem aceita, quem é dócil no processo, vivendo suas graças e exigências próprias, colherá abundantemente. Constatamos, na nossa própria vida e na vida dos nossos irmãos, que quanto mais dóceis são ao processo de Deus e ao da Comunidade, mais dão frutos! Quanto menos dóceis são, maiores desafios poderão enfrentar. A Comunidade não vai abandoná-los, vai estar sempre ao lado, mas saibam que o que a Comunidade quer é o melhor. São os melhores frutos. É ajudar a colher, junto com a Igreja e com a humanidade, os melhores frutos, para que cheguem ao Sacramento do Matrimônio e caminhem nele com um louvor e uma ação de graças a Deus.

Que a seguinte passagem das Sagradas Escrituras, a oração de Tobias, que é lida durante as celebrações de matrimônio, seja realmente para nós um fundamento, um parâmetro, quando diz:

*“Bendito sejas, Deus de nossos pais!*

*Bendito seja o teu nome em todas as gerações vindouras!*

*Bendigam-te os céus e toda a tua criação por todos os séculos!”*



Veja: ele está na contração das núpcias, e elas não dizem respeito só a ele, mas a toda criação, diz respeito a Deus e a toda humanidade. E ele continua:

*“Foste tu que fizeste Adão,*

*foste tu que fizeste para ele auxiliar e amparo, sua mulher Eva,*

*e de ambos nasceu a linhagem humana.*

*Foste tu que disseste:*

*Não é bom para o homem ficar só,*

*façamos-lhe uma mulher semelhante a ele.”*

Diz respeito também à história da Salvação, à história da minha Salvação, à história da Salvação dos outros. Então, as decisões, as eleições de um matrimônio dizem respeito à criação, a Deus, à humanidade, à Igreja, à história da Salvação minha e a dos outros.

*“Agora, pois, não é um desejo ilegítimo que me faz desposar minha irmã que aqui está, mas o cuidado com a verdade.”*

Veja bem! Não é só um desejo ilegítimo que me faz desposar *“minha irmã que aqui está”*, mas o cuidado com a verdade. O Sacramento do Matrimônio é um caminho para a verdade, a verdade de Deus, do plano de Deus para a sua vida, para a sua história, a história da Comunidade e a do mundo. Não é simplesmente uma coisa egoísta minha. Não é um desejo ilegítimo.

Mas o que me faz desposar *“minha irmã que aqui está”* é o cuidado com a verdade. Aí, quem assim procede, quem tem esse desejo de fazer a vontade de Deus e de construir essa vontade com Deus e com os irmãos, nesta via, com certeza verá acontecer. A misericórdia de Deus se derrama, favorece, auxilia. Dentro dos desafios, dentro das tensões, dentro dos limites, a misericórdia de Deus opera.

*“Ordena que haja misericórdia para com ela e comigo,*

*e que ambos cheguemos juntos à velhice.”*

A misericórdia de Deus faz com que o vínculo da unidade, da indissolubilidade seja de fato concreto, que o Sacramento seja frutuoso na vida daqueles que o abraçam, e é isso que nós, como Comunidade, como Igreja, desejamos para aqueles que entram no caminho em direção ao Sacramento do Matrimônio: que não entrem com desejos ilegítimos, mas entrem pensando no verdadeiro bem, na verdade de Deus, na verdade da criação, na verdade da história da Salvação sua e dos outros, na verdade do plano de Deus para a sua vida e para a vida dos outros; na verdade em procurar um caminho realmente de vida e de santidade dentro do matrimônio, que possa atrair misericórdia para você, para sua família, para a Comunidade e para o mundo. Assim, nessa unidade, nessa indissolubilidade, os casais possam contribuir, verdadeiramente, na construção de

um mundo novo. Famílias novas para um mundo novo. Amém! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Para sempre seja louvado!

## **PERGUNTAS PARA OS FORMADORES COMUNITÁRIOS**

1. Tendo por fundamento essas duas palestras do Moisés, como você definiria a amizade e a caminhada?
2. Que sinais podem indicar-lhe que existem frutos bons no coração dos formandos que têm trilhado um caminho de amizade?
3. Como orientar seu/sua formando/formanda para a caminhada e a continuidade desse caminho de amizade entre os dois?
4. Na vivência da castidade, quais seriam as orientações concretas que você daria ao:
  - 4.1- Formando
  - 4.2- Formanda
5. O namoro é uma etapa muito importante na preparação do(a) jovem para a construção de uma família, futuramente. Que aspectos você destacaria como essenciais para viver bem esta etapa?

## PARTE III

# **FECHANDO UM CICLO E ABRINDO OUTROS**

## CAPÍTULO 7

### QUANDO O NAMORO NECESSITA ENCERRAR-SE?

O namoro não é um compromisso definitivo. Por isso, o término do relacionamento não deve ser causa de grande drama. É melhor terminar um namoro difícil do que manter um relacionamento complicado que pode gerar um dia um casamento frustrado. É claro que terminar um namoro pode ser sofrido, mas precisa ser enfrentado e integrado.

Existem realidades que devem ser percebidas num relacionamento que pode estar fadado a finalizar-se na perspectiva de namoro. Como também, após um tempo de distanciamento e percurso de vida, pode ser retomado, caso haja consenso dos dois sobre isso.

Mas as situações que podem sinalizar a necessidade de por fim a um relacionamento de namoro poderiam ser:

- **Dependência afetiva** que centraliza os dois em torno de si mesmos, prejudicando as outras esferas da vida. Não nos referimos ao “apaixonamento” que acontece normalmente no processo do relacionamento, mas que, com o tempo, deve entrar no equilíbrio. Referimo-nos aos prejuízos de uma dependência afetiva quase cega, incapaz de ver os defeitos do outro, ou que tem o olhar, o sentir, o pensar centrados em gratificações sensíveis, girando em torno do outro, negligenciando a própria autonomia, a responsabilidade pessoal e as dimensões da vivência significativa de uma vocação específica. Neste caso, é salutar um tempo de distanciamento, com o assentimento dos dois, e com a ajuda dos próprios formadores, que devem sinalizar o que está acontecendo.

Podemos ainda citar, neste aspecto afetivo, **a dominação de um sobre o outro e outros desajustes** que, se não forem superados ao longo do relacionamento, devem ser questionados. Acontece que, às vezes, os dois não percebem e, então, precisam que os irmãos e os formadores os ajude, expressando o que estão percebendo. Quando existe uma dominação, certamente os dois se prevalecem dela – o que é mais frágil, delega ao outro excessiva responsabilidade sobre o relacionamento, sobre as decisões, e torna-se servo do outro. Mas em algum aspecto, este servo também tem ganhos afetivos. Porém, os dois terão prejuízos, já que não pode haver a complementaridade no relacionamento,

e a unidade não será construída autenticamente a partir da diversidade, ou seja, da individualidade e autonomia de ambos, cada um com sua riqueza própria. Estará comprometida também a vida espiritual e a frutuosidade desse relacionamento no aspecto familiar, comunitário e vocacional. Se um deles é excessivamente dominador e o outro excessivamente frágil, este relacionamento deve ser trabalhado com os formadores. Caso não haja superação, talvez seja recomendável o término do relacionamento.

- **Incompatibilidade de gênios** que impeça ou prejudique uma convivência harmoniosa e pacífica no cotidiano. Acontece com os namorados que brigam por qualquer motivo e, frequentemente, que têm grandes desafios para entrar em acordo, que se compensam no prazer para justificar a continuidade do relacionamento e, progressivamente, vão reprimindo as insatisfações, por vários motivos: não querer arriscar-se a ficar só, medo de não conseguir outro relacionamento, sensação de tempo investido que será “perdido”, certa mentalidade determinista sobre o namoro, etc. Quando, ao longo do tempo, essas realidades não são resolvidas, seria indicado o término do namoro, que se faça de forma tranquila, na aceitação de seus limites para assumirem uma vida a dois para o resto dos seus dias. Isto não significa incapacidade para o matrimônio, apenas que ainda não é essa a pessoa a quem deve se unir.

- **Incompatibilidade de valores essenciais.** Existem certos valores construídos na pessoa que se tornam traços de sua personalidade (valores culturais, valores familiares e outros escolhidos ao longo da vida). Alguns desses valores a pessoa não consegue mais abdicar, pois se tornam expressão de verdade valorativa e de identidade para ela. E, quando, entre os dois há choques grandes, dificultando o consenso e a tomada de decisões, gerando rejeições recíprocas, talvez seja bom ponderar se devem prosseguir com o relacionamento. E, no caso de prosseguirem, precisam ser ajudados a ajustar-se devidamente para que isso não venha a prejudicar o matrimônio e a educação dos filhos futuramente.

O namoro é um relacionamento experimental e deve terminar se não satisfizer a ambos e não houver frutos bons (cf. Gal 5,19-25). Cada um tem o direito de terminar se não estiver realizado. Não se pode entrar num namoro como se fosse um compromisso definitivo, apesar de ser essencial a fidelidade afetiva entre os dois. Quem abraça um namoro com perspectivas definitivas sofrerá muito com um possível término. Por isso, é essencial no namoro nutrir certa autonomia afetiva, não abdicando das outras dimensões da vida e, especialmente, da sua vida de intimidade com Deus, fonte de todo o bem e de todo amor. Será mais tranquilo enfrentar esse desafio e o próprio Senhor, com Sua graça, há de consolar e impulsionar o caminho novo.

Na caminhada do namoro acontece, às vezes, que um dos dois, apesar de gostar do outro, comece a perceber que o seu “gostar” não lhe parece suficiente para assumir uma vida a dois, para o resto dos seus dias. Então, é normal que este deseje finalizar o namoro, sendo verdadeiro e não dificultando o caminho do outro. É necessário que os

dois tenham certa maturidade para vivenciar isso sem que haja feridas maiores.

No processo de namoro, os dois precisam ir descobrindo pontos de identificação, valores comuns, afinidades humanas, diferenças, fraquezas, experimentando o acolhimento mútuo, o respeito, a aceitação, e observando se há um crescimento na comunhão, na diferenciação dos dois (autonomia pessoal), na confiança e respeito mútuos e no amadurecimento que vai gerando alegria e abertura de coração a Deus e aos irmãos.

Tais frutos serão também colhidos pelos que convivem com o casal de namorados (é assim que a própria comunidade de irmãos vai confirmando como autêntico caminho de amor tal relacionamento). Quando após aproximadamente um ano ou dois de namoro não se vê tais frutos, é preciso que o casal questione se este namoro deve prosseguir. Ouvir também os irmãos mais próximos que o conhece e os formadores é muito salutar para um discernimento correto.

## **PARA REFLETIR, REZAR E PARTILHAR**

1. Como vejo o nosso relacionamento de namoro?
2. Dou abertura para que os irmãos participem da nossa vida? Sei escutar e sou aberto(a) a críticas, avaliações ou sugestões?
3. Sinto-me livre para fazer escolhas e exercer a sadia autonomia em minha vida? Sei lidar com as discordâncias do(a) namorado(a), só abdicando de minhas escolhas por uma causa justa?
4. Surpreendo-me frequentemente durante o dia, investindo tempo em pensar no(a) namorado(a)? Com que frequência diária? Percebo que os pensamentos afetam meu desempenho comunitário, apostólico e vocacional? Em que nível (pouco, médio ou muito)?
5. Reze e escute ao Senhor. Procure o formador comunitário e alguns irmãos mais próximos e pergunte como eles lhe veem nesses “desempenhos”. Depois procure seu formador pessoal e partilhe.

## CAPÍTULO 8

### **O NOIVADO: QUANDO ESTOU PRONTO PARA DAR ESTE PASSO??**

Esperamos que você tenha chegado a este capítulo tendo feito um bom caminho neste tempo de namoro: lendo, rezando, refletindo, dialogando, escutando e se deixando orientar por seus formadores ou diretor espiritual. É interessante rever a caminhada a partir da leitura do capítulo que trata do autoconhecimento e da maturidade, percebendo o quanto você caminhou e em que precisa avançar. Escreva suas conclusões para uma posterior partilha sincera com quem lhe acompanhou neste processo. Essa releitura vai ajudá-lo a sentir-se mais seguro diante da decisão de um possível noivado.

O amor dos namorados que não evolui para um encontro mais profundo com a pessoa do outro, corre o risco de se enfraquecer até se extinguir depois da paixão inicial. Ele pode também escorregar para o imaginário, numa representação fantasiosa do outro, o que também não durará muito tempo. O amor, como doação recíproca e desejo pelo bem da pessoa amada, guarda as suas exigências e necessita alimentar-se num conhecimento sempre mais real do outro. Essa passagem do amor para o conhecimento lúcido representa talvez toda a evolução de um amor que vai a procura do outro, não somente como amante ou como amigo, mas também como “pessoa”, em sua unicidade e dignidade de filho de Deus. Amar o outro quando me gratifica (elogios, atenção, cuidado, carinho, etc.) é fácil. Mas para aprofundar e fortalecer as bases de um relacionamento é preciso o conhecimento real entre ambos, para fazer a escolha do outro com todo seu ser e com tudo o que sua vida representa. Eu o amo pelo que ele é, é sua “pessoa” que se expressa com toda sua história única. A emoção não é suprimida, mas ela é relativizada pelo tocar da identidade única do outro. É nesse nível que se funda o amor conjugal, expressando a dimensão pessoal, consciente e afetiva de um olhar de predileção sobre o outro: “Eu te amo e te escolho não somente porque estou atraído por você sensivelmente, mas eu te escolho livremente com tudo o que és”. A grandeza da pessoa se expressa nessa capacidade especificamente humana de fazer uma escolha livre, além da atração sensível ou instintiva. Isso pode nos dar medo, pois pressentimos que nossa escolha livre e consciente vai comprometer toda nossa vida, tudo o que somos e o nosso futuro.



Essa escolha do outro supõe ainda uma reciprocidade! Será que aquele ou aquela que eu amo vai corresponder ao meu amor? É paradoxalmente a maior feliz surpresa, ou a maior prova, ver ou não se desenhar essa reciprocidade. O homem sempre traz em si essa tentação de dominar os acontecimentos, numa vontade de poder, mais ou menos consciente. Mas o amor autêntico, como dom de si, lembrará a ele que lhe é impossível obrigar alguém a amá-lo.

A caminhada do namoro é, por excelência, o tempo em que os dois devem partilhar os elementos essenciais para se deixarem conhecer e avançar progressivamente na confiança. Essa etapa, mais ou menos intensa em qualidade e tempo de convívio, desembocará ou não no noivado. As duas famílias devem, de alguma forma, participar também desse convívio dos dois, pois podem ajudar a sinalizar aspectos importantes que observam no relacionamento, favorecendo o autoconhecimento e amadurecimento dos dois, procurando não exercer pressões, mas, no diálogo, expressar o que percebem.

O romantismo alimentado em muitos filmes ou livros e que agrada ao nosso imaginário está cada vez mais distante da experiência cotidiana da grande maioria dos casais e, sobretudo, esse impulso romântico não é o sinal nem a garantia de um grande amor para toda a vida. A reciprocidade imediata pode existir com uma densidade maravilhosa, mas só representa um ponto de partida no caminho a dois que será trilhado.

O casamento não começa a partir de um terreno vazio. Cada um já está modelado por toda uma história pessoal e familiar permeada de uma hereditariedade que se impõe. É importante estar profundamente consciente para “deixar seu pai e sua mãe”, como o diz o livro de Gênesis (2,24) no início da Bíblia. Não se trata de negar os pais, claro, mas de aprender a tomar distância para lançar um olhar mais abrangente a respeito da educação que recebemos nos seus benefícios e nos seus erros. Essa leitura partilhada permitirá aprofundar o conhecimento recíproco com suas alegrias e sofrimentos, debilidades e qualidades que comportam. O outro poderá melhor me acolher tal qual eu sou, com minha história, e não como eu pareço ser (as alegrias, os desejos, os medos, os fracassos ou as feridas que permearam esses anos da minha vida). É bom percebê-los e partilhá-los como casal, pois eles fazem parte da identidade de cada um.

O amor que se abre a uma vida conjugal necessita desse conhecimento de si mesmo e do outro, que deve se aprofundar, uma vez que, o realismo da vida em comum desvela as personalidades, e, se trilhamos este percurso, buscando a compreensão, a aceitação e o ajustamento, certamente será facilitada a convivência cotidiana na vida a dois.

Carregada pelo impulso da emoção e do prazer de distraírem-se juntos, a qualidade do diálogo, no início, poderia parecer secundária, e se assim tiver sido a sua caminhada de namoro, rapidamente na vida a dois surgem incompreensões que vão suscitar feridas, fechamentos e conflitos. Fazer memória e tomar consciência do caminho trilhado, das etapas passadas e das expectativas que temos no coração é importante para discernir se estamos preparados para dar um passo mais sério: o noivado.

No capítulo seguinte, você encontrará o esboço de um Projeto de Vida Conjugal

(como uma oficina a ser vivenciada pelos dois). A nossa intenção é que ele possa também ajudar na percepção deste caminho percorrido e se realmente o que foi construído traz como resultado a convicção de que os dois estão prontos para dar o passo do noivado. Para usufruir dessa dinâmica proposta, é importante a qualidade da comunicação entre os dois.

## **A comunicação no casal**

A vida a dois é o lugar por excelência da palavra e da comunicação. É também o lugar da intimidade de uma partilha privilegiada, mas também de feridas. Quanto mais nos amarmos, quanto mais aprendermos a nos conhecer, mais teremos ocasiões de nos entender, mas também de nos machucar.

As dificuldades de comunicação são a origem de conflitos e crises relacionais que podem levar até a separações irremediáveis. Comunicar-se bem, dialogar, é uma habilidade que exige esforço, humildade, flexibilidade, capacidade empática e abertura dos dois. É uma arte a aprender. Inúmeros conflitos, mal entendidos e feridas seriam eliminadas nos relacionamentos se procurássemos dialogar mais e melhor: “O diálogo é o novo nome da caridade”. (S. João Paulo II. Vita Consecrata. 25.03.1996)

A seguir, algumas perguntas para refletir e perceber a qualidade do caminho percorrido até aqui.

### **Perguntas**

- Investimos tempo suficiente para partilharmos? Como percebemos a qualidade das nossas partilhas?
- Diante de alguns obstáculos no nosso relacionamento, eu me coloquei em questão (revi os meus conceitos, minhas opiniões, mentalidades, comportamentos)? Houve avanços na qualidade do relacionamento? Que sinais lhe são indicativos desse avanço?
- Percebi amadurecimento pessoal? Como? Tente ser específico.
- Em que aspectos precisamos crescer?

Partilhe a dois com humildade e sinceridade. Partilhe também com seus acompanhadores.

É essencial, ao longo do convívio de namoro, que ambos tenham revelado o que lhes parece importante para construir uma relação que vai edificar o matrimônio. As confidências partilhadas são recebidas na confiança, na caridade e na humildade. O coração do outro é território sagrado, que supõe respeito e dignidade, amor e reconhecimento do mistério que comporta (experiências sentimentais passadas,

relacionamentos mal sucedidos, expectativas e desejos, dificuldades encontradas, visão da vida, do matrimônio, da família, convicção e vivência vocacional, entre outros. São assuntos sobre os quais os dois devem refletir na luz da verdade, de uma forma delicada e atenta ao outro).

## **Perguntas**

- Para que meu (minha) namorado(a) me entendesse melhor, eu pude revelar para ele(ela) os elementos essenciais da minha história pessoal e familiar com as alegrias, as feridas ou medos?

- Existem alguns “tabus” entre nós que poderiam prejudicar o nosso desejo de transparência e de verdade?

- Posso dizer que me deixei conhecer com abertura suficiente?

- Considero que aceito e acolho a pessoa como ela é, com sua história, temperamento, personalidade, fragilidades e qualidades?

- Carrego a expectativa de que a pessoa mudará seu modo de ser em algum aspecto que me desagrada? Caso não haja mudanças, vou saber conviver com essa realidade?

- Existem realidades de discordâncias importantes entre nós?

- Ao longo do caminho de namoro, como temos resolvido os conflitos inerentes às nossas diferenças? Resolver conflito significa encontrar um consenso no que é essencial e respeito no que é secundário ou circunstancial.

- Posso dizer que conheço o meu(minha) namorado(a) o bastante para me sentir seguro(a) de dar o passo para o noivado?

No início do namoro, é natural que o relacionamento se incline necessariamente para uma dimensão “fusional” (de fusão dos dois). Pode ser um esforço de buscar a unidade, mas é preciso evoluir desta fusão para um “amor união”, fruto de uma unidade construída a partir também das diferenças, uma vez que o “amor fusão” corre o risco de sufocar a individualidade, a riqueza da complementariedade e de ficar sempre numa uniformidade sensível ou afetiva, que não deixa espaço de autonomia, de criatividade e amadurecimento relacional, transbordando aos outros no acolhimento e na doação de si.

Para “resolver os conflitos”, várias atitudes são possíveis:

- Negar as diferenças para manter, custe o que custar, a harmonia. Isto pode gerar ressentimentos que podem explodir muito depois na vida conjugal, e ser muito dolorosos.

- Ficar como um “junco” que dobra sem jamais romper-se, mas que resseca, seria resignar-se às escolhas do outro. Aceitar os compromissos faz parte da vida do casal, mas é importante que cada um possa expressar-se e desabrochar no seu próprio ritmo,

estilo, anseios. Cada um tem carismas próprios em âmbitos diferentes, e o homem e a mulher devem desenvolver as qualidades próprias, com uma atenção particular ao equilíbrio e ao acolhimento de cada um. Se um dos dois é o que decide tudo nas diversas áreas, podem surgir frustrações, e, às vezes, colocar em perigo o matrimônio, especialmente se ele já for bem fragilizado.

É preciso acolher nossas diferenças, colocando-as no seu lugar e olhando para elas, como fontes de riquezas e de partilha para desenhar o caminho de unidade dual, que corresponde à construção desta nova família. Somos profundamente impregnados por uma cultura que opõe as diferenças, estigmatiza-as e são apresentadas como ocasiões de exercitar seu poder sobre o outro para “ganhar”.

O projeto conjugal, proposto no capítulo seguinte, pode ajudar a colocar nossas diferenças às claras. Ousemos olhá-las e discernir o que está cristalizado (firmado em nós) e vem da nossa educação familiar e cultural, do nosso meio social, nossa história e o que diz respeito a uma escolha pessoal, fruto até de novas construções culturais que escolhemos ou devemos escolher como cristãos, consagrados, chamados a um carisma específico. Construir seu caminho como casal não significa apagar o passado, as formas de agir e as tradições de nossa família, mas significa encontrar o que nos aproxima e expressa uma consistência dos valores em que pautamos a nossa vida.

Acolher e escutar permite dar a cada um o seu lugar, construindo assim a identidade do casal. Isso não elimina as divergências e tempestades, mas permite ficar no rumo e com esperança nas dificuldades, fortalecendo o exercício da comunhão.

Acolher as diferenças é também reconhecer que não devemos nutrir a pretensão de mudar o outro, de modelá-lo à nossa maneira. Existem diferenças que enriquecem e complementam e são devidas a nossa identidade. Abaixo relacionamos, de forma didática e simples, algumas características gerais da identidade feminina e masculina para termos uma noção mínima de nossas diferenças e da necessidade de buscar aprofundar essa temática, a fim de preparar, pelo conhecimento e compreensão do outro, um melhor ajustamento conjugal.

### **Algumas características da identidade masculina e feminina**

As características da identidade são oriundas da corporeidade própria do homem e da mulher, e, com ela, das influências psicológicas, familiares e culturais, bem como a leitura sobre a história de vida pessoal, familiar e social.

Sabemos que não se pode e nem se deve ter um olhar absoluto sobre essas características, pois cada pessoa abarca um mistério e tem sua unicidade e complexidade própria. Relacionaremos abaixo alguns traços mais gerais:

### **Algumas características masculinas**

- Maior racionalidade e objetividade (relaciona-se com o mundo de forma mais funcional e menos emocional, mais conduzido pelos fatos);
- Habilidade maior de orientação espacial;
- É levado normalmente a comandar a situação;
- O trabalho tem uma importância vital para o homem;
- É, por natureza, desconfiado, competitivo, defensivo e solitário, esconde as emoções para não perder o controle da situação;
- Tem dificuldades de assumir ou expressar sentimentos e emoções;
- Dificuldade de ser carinhoso em função de certo machismo;
- Às vezes, é-lhe difícil admitir seus erros, pois os associa ao fracasso;
- Tem mais dificuldade de se autoconhecer por lhe ser difícil admitir fragilidades pessoais;
- Percebe menos os estados de ânimo das pessoas, menos empático;
- Tem dificuldade de falar de si mesmo e prefere assuntos mais exteriores (esporte, Tv, política, economia);
- O homem resiste à correção, especialmente de mulheres, e não gosta de ouvir conselhos quando não solicitados;
- No cansaço e stress, retrai-se e quer esquecer os problemas do trabalho. Fica mais silencioso quando está cansado, preocupado ou aborrecido. Não gosta de partilhar problemas, pois lhe parece estar dando sinal de vulnerabilidade, o que ele não quer.
- Geralmente, a entonação de voz masculina é alta e seca. Às vezes as mulheres podem achar que eles estão sendo grosseiros.

### **Algumas características femininas**

- Envolve-se emocionalmente em maior grau com tudo o que vive;
- Relaciona-se mais intensamente que o homem, fala de si e, por isso, tem mais amizades;
- Mais conduzida pelos afetos e por certa intuição;
- Mais preocupada com os detalhes, datas e com a beleza;
- Relaciona-se com a casa como uma extensão dela mesma (ordem, beleza, limpeza...);
- Mais cuidadosa nos relacionamentos (no trabalho valoriza mais a qualidade dos relacionamentos do que outros aspectos);

- Raciocina melhor falando (geralmente fala mais que o homem);
- O instinto materno lhe favorece uma maior capacidade empática;
- A família é mais importante para a mulher (existe uma tendência da sociedade atual de torná-la produtiva, competitiva e aliená-la um pouco de sua missão familiar);
- A mulher percebe não só o que é falado, mas como é falado e que expressão corporal acompanha a fala;
- A mulher gosta de dar conselhos, mesmo quando não solicitada;
- A mulher quer conversar quando está estressada ou com problemas. Ela relaxa conversando. Quando os dois estão cansados, pode haver certo conflito;
- Veste-se da forma como está se sentindo;
- Pelo seu gênio feminino, instinto materno e capacidade empática, antecipa-se às necessidades dos outros;
- Para a mulher, partilhar problemas é sinal de confiança;
- O desejo de dominar com suas ideias e vontades também é uma inclinação que tem sua origem na desobediência de Eva, que desejou conhecer a ciência de Deus que lhe daria poder sobre o criado (cf. Gn 3). Esse desejo nem sempre se expressa claramente;
- Ao mesmo tempo, tanto a mulher como o homem tem anseio por aquela comunhão de amor que viveram no princípio, entre eles e com o Criador. Isto, unido à graça de Deus, os fará moverem-se nessa direção de amor, em meio aos desafios das diferenças e das situações conflituosas, a fim de construírem a unidade e a harmonia conjugal e familiar.

## **PERGUNTAS PARA REFLETIR**

- Quais são as qualidades que eu mais espero num cônjuge?
- Como eu percebo hoje nossas diferenças (identidade, cultura, educação, espiritualidade)?
- Consigo perceber em que aspectos nos complementamos?
- Que aspectos de nossas diferenças serão mais desafiantes? Percebo o sentido que posso dar a essas diferenças desafiantes para o meu crescimento pessoal? Sinto-me disposto(a) a transcender a elas? Como?
- Carrego medos em relação a essas diferenças?
- Sou consciente de que tenho uma responsabilidade moral e espiritual como a “ajuda adequada” (cf. Gn 2,18) para favorecer o crescimento do outro como pessoa cristã no mundo, ou como consagrados num carisma específico?

• Que impressões, sentimentos e convicções emergem dentro de mim quando penso em noivar e casar, consciente de que a escolha que farei é para toda a vida, “*na alegria e na tristeza, na saúde e na doença*”? Escreva no quadro abaixo:

Sentimentos e impressões	Convicções
--------------------------	------------

- Existem condições financeiras básicas para a manutenção da possível nova família?
- Partilhe com seu acompanhador espiritual ou formador pessoal e comunitário.

A nova família deve ser uma escola de amor, em que seremos, uns para os outros, a “ajuda” no caminho de santidade cristã, cuja razão é o próprio amor de Deus que nos criou para amar e, assim, ser felizes nesta vida (mesmo com os desafios próprios) e por toda a eternidade. Deus, por meio de Seu Filho Jesus, propõe-nos essa “escola de amor”, anseia introduzir a Sua caridade no concreto e no ordinário da vida e santificá-la.



# CAPÍTULO 9

## O PROJETO CONJUGAL

A deficiente preparação para o casamento origina ou contribui para o agravamento da situação familiar e é causa de outras dificuldades e sofrimentos para muitos casais. Os jovens são tão absorvidos pelo estudo, pelo trabalho e pelas diversões, fruto da mentalidade hedonista, egocêntrica e individualista do mundo pós-moderno, que lhes falta tempo e disposição para o diálogo e a reflexão crítica a dois, condição indispensável a um sério projeto conjugal e familiar.

Para viver um matrimônio feliz, segundo o plano de Deus, é preciso desenvolver um projeto de vida em comum. Identificar-se e se envolver nesse projeto de forma dedicada, canalizando sua atenção e as suas forças em vista dessa construção.

### **Conhecer-se e conhecer o outro**

O conhecimento é uma característica essencial do projeto conjugal. Conhecer hábitos e necessidades do outro não significa renunciar aos desejos próprios, mas buscar novas formas que garantam espaço para a realização de ambos, respeitando a personalidade de cada um.

Conversar, por exemplo, sobre a vida passada: os hábitos, as preferências, os papéis e os costumes que tinham, podem parecer coisas banais, mas falar sobre o antigo modelo de vida vai possibilitar a organização da nova vida em comum. E não se trata apenas de falar, de igual importância é também o escutar. Em seguida, ir tornando concretas as metas da nova vida a abraçar.

O casal forma um novo relacionamento em que as pessoas fazem duas experiências básicas: de um lado, eles criarão um espaço físico, um novo lar; do outro, constroem um espaço afetivo em comum. Na construção deste espaço, dois seres humanos trazem, cada um, elementos psíquicos, físicos e espirituais que necessitam ser juntados, para que deles possa surgir um novo lar, uma nova família, um novo ambiente de convivência humana. Nesse espaço, Deus, que é a fonte de todo amor, deve reinar com Seu Espírito vivificador, gerando unidade, comunhão, santidade, fecundidade e abertura para os

outros.

O esforço de duas pessoas, para construir este projeto, é o que une os elementos isolados, trazidos por cada um dos parceiros, pois os dois têm um passado e foram profundamente marcados por ele. Afinal, o casamento não resulta em mudança de personalidade, daí a necessidade de um conhecimento muito grande um do outro.

As duas pessoas, tão distintas uma da outra, têm de aprender a conviver. É claro que as dificuldades são consequência normal desta interação.

## **As etapas na preparação para o casamento**

O Conselho Pontifício para a Família, no documento *Preparação para o Sacramento do Matrimônio*, apresenta três etapas no itinerário para a preparação ao casamento, que não são rigidamente definidos, mas é útil conhecê-los como itinerários e instrumentos de trabalho.

### **A. Preparação remota**

A preparação remota abraça a infância, a pré-adolescência e a adolescência e desenvolve-se, sobretudo, na família, mas também na escola e nos grupos de formação. É um período em que é transmitida e incentivada a estima pelo valor humano, a formação do caráter, a estima de si, o respeito para com as pessoas do outro sexo, hábitos de vida, personalidade, etc.

Esse caráter encontra seu estímulo, apoio e consistência no exemplo dos pais, que se tornam para os filhos um verdadeiro testemunho. Conhecer a família e a história do outro facilitará compreender traços de personalidade, de comportamentos, hábitos, feridas. Existem realidades difíceis de mudar, portanto, é necessário estar consciente disso para aceitá-las e bem conviver com elas, avaliar-se nos próprios limites a fim de perceber sua capacidade de tolerância e aceitação diante das realidades percebidas.

## **PARA REFLETIR, REZAR E PARTILHAR**

- Você conhece e confia na história pessoal do outro? Como foram seus relacionamentos anteriores?
- O que ele(ela) aprendeu sobre o casamento de seus pais?
- Os dois devem olhar atentamente para os pais. O que cada um está trazendo de sua família de origem para o relacionamento conjugal? Relacionar os aspectos difíceis e os que considera bons. Avaliar juntos, com sinceridade, essas realidades e dialogar sobre

como se ajustarão diante delas. Partilhem com os formadores.

## **B. Preparação próxima**

A preparação próxima desenrola-se durante o período do namoro e do noivado. É o tempo de perceber o outro, nos seus relacionamentos diversos (família, trabalho, vida comunitária...). Conhecer seus limites e capacidades, virtudes e fragilidades.

A preparação próxima precisa oferecer aos namorados/noivos os elementos que favoreçam a construção desse Projeto Conjugal. Por isso, durante esse tempo de namoro, deve-se criar oportunidades para aprofundar suas convicções sobre diversos aspectos importantes da vida familiar: educação dos filhos (definição clara dos papéis na família); organização da vida familiar (necessidades afetivas de cada um, hábitos, limites, anseios, divisão de trabalho, administração e planejamento financeiros, relacionamento com os pais, sogros e familiares, entre outros); vida espiritual-vocacional (pessoal e conjugal); relacionamentos sociais, etc.

## **Questionamentos que podem ajudar o formador**

### **• Por que você quer se casar?**

Seja honesto em avaliar as razões desse desejo. Relacione os principais pontos no quadro abaixo, que contempla os seguintes pontos: 1. Aspectos positivos; 2. Aspectos a serem enfrentados e trabalhados; 3. Respostas a serem dadas; 4. Como me vejo diante disso.

**Aspectos  
Positivos**

**Aspectos a serem  
trabalhados**

**Respostas a serem  
dadas**

**Como me vejo diante  
disso**

É muito interessante que os dois, após terem preenchido o quadro, comparem os mesmos e conversem sobre tudo que descobriram. Avaliem-se mutuamente diante da realidade percebida. A sinceridade é essencial para que o Projeto Conjugal, com a graça de Deus, seja exequível.

### **Você identificou e comunicou suas necessidades e expectativas?**

Conheça a si mesmo. Você não pode perceber se alguém vai “ser-lhe a ajuda adequada” se você não sabe suas próprias necessidades? Não é egoísmo ter metas dentro de um relacionamento. É importante expressar as próprias necessidades e expectativas agora, não quando já se está no casamento.

Também, no afã de casar-se, às vezes se omitem realidades importantes que dizem respeito ao conhecimento mútuo, tais como: fraquezas, aspectos do temperamento e da personalidade. É um grande risco usar máscaras!

### **PARA REFLETIR, REZAR E PARTILHAR**

1. O que os une? (perceber aspectos de mútua identificação que, ao longo do tempo, diante dos desafios da vida, ajudarão à solidez do relacionamento. Ex.: valores, hábitos, preferências no cotidiano da vida, princípios de educação familiar, afinidades, entre outros.

2. O que os pode dividir? (também detalhar). Perceber se há realmente compreensão e conhecimento mútuos satisfatórios que fundamentem essas respostas.

3. Já viveram momentos de conflitos? Exemplifique. Como resolveram?

4. Como é o convívio dos dois com a família de ambos?

5. Têm amigos comuns? Caso não, por quê?

6. Existe um espaço existencial para que cada um fique sozinho? Para que cada um exerça certa autonomia afetiva e efetiva?

7. No convívio a dois existe espaço para o convívio com os amigos e com os irmãos de comunidade? Como se dá?

8. Existe espaço para o cultivo do convívio a dois? Quais os temas de suas conversas (os outros, as famílias, o mundo, cultura, espiritualidade, política, esporte)? Perceber se conversam mais profundamente, falando de si mesmos também.

9. Quais são suas expectativas quanto ao outro em relação a:

<b>Aspectos relevantes</b>	<b>Expectativas (em relação ao outro)</b>
----------------------------	---

Modo de ser

Relacionamento a dois  
Ao papel de pai ou mãe  
Relação com os outros  
(irmãos, amigos...)  
Relação com os pais  
Relação com os sogros  
...

Obs: Perceber o nível de exigência que se faz do outro e trocar essas informações mutuamente (dar depois um *feedback* ao formador, que deve questionar como foi o clima da conversa, as conclusões a que chegaram e perceber se houve bom senso e não excesso de fantasias).

10. Existem expectativas com as quais você já se decepcionou em relação a ele(a)? Quais? Como reagiu diante disso? O que aprendeu com a experiência?

11. O amor autêntico e maduro entre duas pessoas caracteriza-se pelo desejo de transbordamento:

- É perceptível os frutos comunitários dessa caminhada a dois?
- Sabem equilibrar o tempo entre a missão, as obrigações pessoais, o convívio com os irmãos e o convívio a dois?
- É perceptível o envolvimento da pessoa com suas outras atividades (apostólicas, vida espiritual, vida familiar e comunitária, vida profissional)? Como?

## **Oficina: Projeto de Vida Conjugal e Familiar**

Esse projeto é um exercício de conhecimento mútuo e tem a finalidade maior de ser uma oficina de construção e de descobertas para o casal de namorados e noivos. Cada casal o fará dentro da realidade vivida naquele momento, expressando dificuldades reais e busca de soluções viáveis naquele contexto. Numa fase posterior, que será após a decisão de um compromisso mais sério que é o noivado, este projeto deverá ser ajustado conforme a nova realidade que será assumida no casamento e, progressivamente, desenvolvido pelos dois na vida familiar.

O importante é perceber as reais necessidades de ajustes no relacionamento do casal ou então a percepção de que não é viável prosseguir o caminho, para que, assim, sejam evitadas surpresas desagradáveis, decepções graves e frustrações grandes após a realização do matrimônio.

A necessidade de organizar a vida, de estabelecer objetivos significativos, de planejar nossas ações não apenas alcança a vida pessoal profissional, mas também deve abranger todas as áreas da nossa vida. Na vida a dois, considerando que os desafios aumentam

apesar de poder contar com o outro, é muito importante planejar este novo tempo, a fim de melhor corresponder àquilo que Deus primeiramente projetou para o casal e a nova família a ser constituída.

Projetar a vida matrimonial ajuda também a construir a “casa sobre a rocha”, tendo avaliado os anseios, necessidades, potencialidades e fragilidades, a fim adaptar-se melhor ao novo, bem como trabalhar melhor nessa nova caminhada a que se propõe o casal. Assim, sugerimos alguns aspectos relevantes que devem ser contemplados na construção de um Projeto de Vida Conjugal e Familiar:

- **Objetivo geral:** descobrir em Deus qual a nossa missão como família (e, no caso, como família Shalom).
- **Objetivos específicos:** detalhar a missão do pai, da mãe junto aos filhos, do esposo, da esposa e do casal.
- **Potencial com o qual contar:** características de um e de outro que ajudarão na construção da nova família.
- **Fragilidades reais (dos dois):** defeitos, limitações, aspectos a serem superados.

### **Áreas a planejar:**

#### **Vida afetiva (ações que favoreçam a vida afetiva saudável):**

- Do casal (tempo de convívio, abertura aos outros, necessidades individuais a serem atendidas).
- Com os pais (de cada um, quanto ao relacionamento filial equilibrado, especialmente com relação aos casais da Comunidade de Aliança).
- Sogros (limites, valores, autonomia do casal, convívio saudável e equilibrado).
- Filhos (lugar dos filhos em relação à justa atenção que precisam, em relação ao espaço do casal, em relação a Deus e a comunidade).
- Amigos e irmãos (abertura a hospitalidade, a convivências, partilha, cuidado dos irmãos e convivência frutuosa com os outros estados de vida no contexto comunitário).

#### **Vida espiritual-vocacional (intimidade com Deus, apostolado, vida fraterna, pontos estatutários).**

#### **Administração do lar (divisão do trabalho familiar, cuidados da casa, cuidados dos filhos).**

#### **Vida financeira (percepção das necessidades, eleição das prioridades, divisão de tarefas).**

#### **Vida profissional (metas, organização, horários, repercussões na vida conjugal e**

familiar).

**Educação dos filhos** (construção da unidade de mentalidade, abordando aspectos essenciais: espiritualidade dos filhos. Educação na fé adequada às etapas da vida, disciplina, alimentação, cuidadores dos filhos, autoridade do pai, autoridade da mãe, correção e limites, acompanhamento escolar, lazer, tempo para convívio de qualidade, cuidados de saúde, entre outros).

### Sugestão de tabela demonstrativa para o projeto conjugal

**Observação:** claro que deve ser adaptada conforme as necessidades do casal, da família, em consonância com a opção de vida vocacional que foi feita livremente pelo casal. Esta tabela trata-se apenas de uma indicação para ajudar a refletir e projetar a vida. Nesta fase de namoro, penso que após o primeiro ano, é importante o exercício de construir esse projeto para, ao longo do percurso, identificar as realidades importantes que vão sendo sinalizadas nessa convivência, devendo ser partilhadas a fim de serem melhor compreendidas e talvez modificadas.

#### Área: vida afetiva

Objetivo geral:

Objetivos específicos (2 ou 3):

Área	Metas (ações a desenvolver)	Potencial A graça de Deus, claro (capacidades pessoais, virtudes, habilidades)	Fragilidades reais (dificuldades pessoais de cada um quanto a área em foco)	Avançar (propor um pequeno avanço diante da dificuldade)	Prazos (tempo necessário para conquistar a meta)	Avaliação (a cada mês: resultados positivos, aspectos a ponderar, busca de mudança, etc.)
1. Vida Afetiva	Ex.: harmonia conjugal					
2. Vocacional						
3. Profissional						
4. ...						

**Observação:** Os formadores pessoais e comunitários devem acompanhar essa construção progressiva do Projeto de Vida Conjugal e Familiar, preservando total



autonomia para o casal a fim de que construam juntos e, nos acompanhamentos, busquem perceber como tem sido essa construção (mentalidades, desafios encontrados, superação das divergências, fantasias, etc.). Procurar não interferir diretamente a fim de, na espontaneidade, permitir que eles se revelem em suas realidades, gerando consciência de si, percepção dos pontos de imaturidade, aspectos a crescer, etc.

Os dois devem perceber, ao longo dos acompanhamentos, qual sua real condição humana atual para abraçar o matrimônio e, diante das descobertas, discernirem junto com os formadores se é tempo de acolherem essa nova vida a dois, se devem prosseguir o caminho, ou encerrá-lo, caso descubram realidades intransponíveis.

# ANEXO

Chegada a finalização deste trabalho, chegou a nossas mãos as palavras de sua Santidade, o Papa Francisco, dirigidas aos noivos. Providencialmente, são orientações muito sábias para a construção desse caminho em direção ao matrimônio. Vale a pena meditá-las e acolhê-las com o coração.

## **Diálogo do Papa Francisco com os noivos**

**Praça São Pedro – Vaticano**

**Sexta-feira, 14 de fevereiro de 2014**

### **1ª pergunta: O medo do “para sempre”**

*Santidade, hoje em dia numerosas pessoas pensam que prometer a fidelidade um ao outro para a vida inteira constitui um empreendimento demasiado difícil; muitos sentem que o desafio de viver juntos para sempre é bonito e até fascinante, mas demasiado exigente, praticamente impossível. Pedir-lhe-íamos uma palavra para nos iluminar a este propósito.*

**Papa Francisco:** agradeço-vos o testemunho e também a pergunta. Explico-vos: eles enviaram-me as perguntas antecipadamente. Compreende-se. E, deste modo, eu pude meditar e pensar sobre uma resposta um pouco mais sólida.

É importante interrogar-se se é possível amar-se “para sempre”. Trata-se de uma pergunta que temos o dever de formular: é possível amar-se “para sempre”? Hoje em dia, muitas pessoas têm medo de fazer escolhas definitivas. Certo dia um jovem disse ao seu bispo: “Eu quero tornar-me sacerdote, mas somente por dez anos!”. Ele tinha medo de uma escolha definitiva. Mas trata-se de um medo geral, próprio da nossa cultura. Parece impossível fazer escolhas para a vida inteira. Hoje tudo muda rapidamente, nada dura no tempo. E esta mentalidade leva muitas pessoas que se preparam para o matrimônio a afirmar: “Permaneçamos juntos, enquanto o amor durar”; e depois? Muitas saudações e até à vista! E assim termina o matrimônio. Mas o que entendemos por “amor”? Apenas um sentimento, uma condição psicofísica? Sem dúvida, se for assim, não será possível construir sobre ele algo de sólido. Ao contrário, se o amor for uma

relação, então será uma realidade que cresce, e como exemplo até podemos dizer que se constrói como uma casa. E a casa constrói-se juntos, não sozinhos! Aqui, construir significa favorecer e ajudar o crescimento.

Estimados noivos, vós estais a preparar-vos para crescer juntos, para construir esta casa, para viver juntos para sempre. E não desejais alicerçá-la sobre a areia dos sentimentos que vão e voltam, mas sobre a rocha do amor autêntico, do amor que provém de Deus. A família nasce deste desígnio de amor, que quer crescer como se constrói uma casa que se torne um lugar de carinho, de ajuda, de esperança e de apoio. Do mesmo modo como o amor de Deus é estável e para sempre, assim também no caso do amor que funda a família, desejamos que ele seja estável e para sempre. Por favor, não devemos deixar-nos dominar pela “cultura do provisório”! Esta cultura que hoje invade todos nós, esta cultura do provisório. Não pode ser assim!

Portanto, como se cura este medo do “para sempre”? Cura-se dia após dia, confiando-se ao Senhor Jesus numa vida que se torna um caminho espiritual quotidiano, feito de passos, de pequenos passos, de passos de crescimento comum, feito de compromisso a tornarmo-nos mulheres e homens maduros na fé. Porque, queridos noivos, o “para sempre” não é apenas um problema de duração! Um matrimônio não é bem sucedido unicamente quando dura, mas é importante a sua qualidade. Estar juntos e saber amar-se para sempre, eis no que consiste o desafio dos esposos cristãos.

Vem ao meu pensamento o milagre da multiplicação dos pães: também para vós, o Senhor pode multiplicar o vosso amor e conceder-vos-lo vigoroso e bom todos os dias. Ele possui uma reserva infinita de amor! E oferece-vos o amor que está no fundamento da vossa união, enquanto o renova todos os dias, fortalecendo-o. Além disso, torna-o ainda maior quando a família cresce com os filhos. Neste caminho é importante, é sempre necessária, a oração. Ele por ela, ela por ele, e ambos juntos. Pedi a Jesus que multiplique o vosso amor. Na oração do Pai-Nosso, nós dizemos: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Os cônjuges podem aprender a rezar com estas palavras: “Senhor, o amor nosso de cada dia nos dai hoje”, porque o amor quotidiano dos esposos é o pão, o verdadeiro pão da alma, o pão que os sustenta a fim de que possam ir em frente. E a oração: podemos fazer a prova para saber se sabemos recitá-la? “Senhor, o amor nosso de cada dia nos dai hoje”. Todos juntos! Mais uma vez! Esta é a prece dos namorados e dos esposos. Ensinai-nos a amar-nos, a querer o bem um do outro! Quanto mais vos confiardes a Ele, tanto mais o vosso amor será “para sempre”, ou seja, capaz de se renovar, superando assim todas as dificuldades. Era precisamente isto que eu vos queria dizer, respondendo à vossa pergunta. Obrigado!

## **2ª pergunta: Viver juntos: o “estilo” da vida matrimonial**

*Santidade, viver juntos todos os dias é bom, enche de alegria e ampara. No entanto, constitui um desafio que deve ser enfrentado. cremos que é necessário aprender a*

*amar-nos. Existe um “estilo” da vida de casal, uma espiritualidade da vida quotidiana que gostaríamos de aprender. Santo Padre, pode ajudar-nos nisto?*

Viver juntos é uma arte, um caminho paciente, bonito e fascinante. Ele não termina quando vós conquistastes um ao outro... Pelo contrário, é precisamente neste momento que ele tem início! Este caminho de cada dia possui regras que podem ser resumidas naquelas três palavras que tu disseste, palavras que eu já dirigi inúmeras vezes às famílias, e que vós já podeis aprender a utilizar entre vós: com licença, ou seja, “posso”, como tu disseste, e desculpa.

“Posso, com licença?”. É o pedido amável para poder entrar na vida de outra pessoa, com respeito e atenção. É necessário aprender a pedir: posso fazer isto? É do teu agrado, se fizermos assim, que tomemos esta iniciativa, que eduquemos os nossos filhos desta maneira? Gostarias de sair comigo esta noite?... Em síntese, pedir licença significa saber entrar com amabilidade na vida dos outros. Contudo, ouvistes bem isto: saber entrar com amabilidade na vida dos outros. E não é fácil, isto não é fácil. Por vezes, recorremos a maneiras um pouco pesadas, como determinadas botas de montanha! O amor autêntico não se impõe com aspereza nem com agressividade. Nas chamadas Florinhas de São Francisco encontra-se a seguinte expressão: “Deves saber que a cortesia é uma das propriedades de Deus... e a cortesia é irmã da caridade, a qual extingue o ódio e conserva o amor!” (Cap. 37). Sim, a amabilidade conserva o amor. E hoje, no seio das nossas famílias, no nosso mundo muitas vezes violento e arrogante, há necessidade de muito mais amabilidade. E isto pode começar a partir de casa.

“Obrigado!”. Parece fácil pronunciar esta palavra, mas sabemos que não é assim. No entanto, ela é importante! Nós ensinamo-la às crianças, mas depois nós mesmos a esquecemos! A gratidão é um sentimento importante. Certa vez, uma senhora idosa disse-me em Buenos Aires: “A gratidão é uma flor que cresce em terra nobre!”. É necessária a nobreza da alma para que esta flor possa crescer. Recordais-vos do Evangelho de Lucas? Jesus cura dez doentes de lepra, e em seguida só um deles volta atrás para agradecer a Jesus. E o Senhor diz-lhe: e onde estão os outros nove? Isto é válido também para nós: sabemos agradecer? Nos nossos relacionamentos, e amanhã na nossa vida matrimonial, é importante manter viva a consciência de que a outra pessoa constitui uma dádiva de Deus, e aos dons de Deus é necessário dizer obrigado! Devemos sempre dar graças por eles. E nesta atitude interior é preciso dizer obrigado um ao outro, por todas as coisas. Não se trata de uma palavra amável para ser utilizada com os estranhos, para sermos educados. É necessário saber dizer obrigado um ao outro, para poder caminhar em frente, bem e juntos, na vida matrimonial.

A terceira palavra: “Desculpa”. Na vida cometemos numerosos erros, enganamo-nos muitas vezes. E isto acontece com todos nós. Mas aqui está porventura presente alguém que nunca cometeu um erro? Se houver alguém assim, que levante a mão: uma pessoa que nunca cometeu erros? Todos nós os cometemos. Todos! Talvez não passe nem sequer um só dia sem que os cometamos. A Bíblia recorda que a pessoa mais justa comete sete pecados por dia. Por isso, todos nós cometemos erros... Eis, então, por que

motivo é necessário utilizar esta palavra tão simples: desculpa. Em geral, cada um de nós está pronto para acusar o nosso próximo, justificando-nos assim a nós mesmos. Isto teve início a partir do nosso pai Adão, quando Deus lhe perguntou: “Adão, comeste por acaso daquele fruto?”. “Eu? Não! Foi ela que me deu!”. Acusar o outro para não dizer desculpa, perdão. Trata-se de uma história antiga! É um instinto que se encontra na origem de muitas calamidades. Aprendamos a reconhecer os nossos erros e a pedir desculpa. “Desculpa, se hoje levantei a minha voz”; “desculpa, se passei sem cumprimentar”; “desculpa, se cheguei atrasado”, “desculpa, se esta semana estive tão silencioso”, “desculpa, se falei demais, sem nunca escutar”; “desculpa, se me esqueci”; “desculpa, se eu estava com raiva e te tratei mal”.

Cada dia podemos pedir desculpa muitas vezes. É também deste modo que uma família cristã prospera. Todos nós sabemos que não existe uma família perfeita, ou um marido perfeito, ou uma esposa perfeita. Nem sequer falemos de uma sogra perfeita... Existimos nós, pecadores. Jesus, que nos conhece bem, ensina-nos um segredo: nunca devemos terminar o dia sem pedir perdão, sem que a paz volte ao nosso lar, à nossa família. É normal que os esposos discutam, há sempre algo sobre o que discutir. Talvez tenhais discutido entre vós, talvez tenha voado um prato, mas, por favor, recordai-vos disto: nunca termineis o dia sem fazer as pazes! Nunca, nunca, nunca! Este é um segredo, um segredo para conservar o amor e fazer as pazes. Não é necessário fazer um bonito discurso. Por vezes é suficiente um simples gesto... e a paz volta a instaurar-se. Nunca deixeis que termine o dia... pois se tu permitires que termine o dia sem que as pazes se restabeleçam, aquilo que tens dentro de ti, no dia seguinte, será frio e empedernido, e assim será mais difícil fazer as pazes. Recordai bem: nunca termineis o dia sem fazer as pazes! Se aprendermos a pedir desculpa e a perdoar-nos reciprocamente, o matrimônio durará e irá em frente. Quando vêm às audiências ou às Santas Missas aqui em Santa Marta, casais idosos, que celebram as bodas de ouro, eu pergunto-lhes: “Quem suportou quem?”. E isto é bonito! Todos olham uns para os outros, depois olham para mim e dizem-me: “Ambos!”. E isto é bonito! Trata-se de um bonito testemunho!

### **3ª pergunta: O estilo da celebração do matrimônio**

*Santidade, ao longo destes meses estamos a fazer muitos preparativos para as nossas núpcias. Pode dar-nos alguns conselhos para celebrar bem o nosso casamento?*

Fazei com que se trate de uma festa verdadeira — porque o matrimônio é uma festa — uma festa cristã, e não uma festa mundana! O motivo mais profundo da alegria daquele dia é-nos indicado pelo Evangelho de João. Recordai-vos do milagre das Bodas de Caná? Numa certa altura veio a faltar vinho, e a festa parece estragada. Imaginai se tivessem que terminar a festa a beber chá! Não, não pode ser! Sem vinho não há festa! Por sugestão de Maria, naquele momento Jesus revela-se pela primeira vez e realiza um sinal: transforma a água em vinho e, agindo assim, salva a festa nupcial. O que aconteceu

em Caná há dois mil anos acontece na realidade em cada festa de casamento: aquilo que tornará completo e profundamente verdadeiro o vosso matrimônio será a presença do Senhor, que se revela e concede a sua graça. É a sua presença que oferece o “vinho bom”, Ele é o segredo da alegria completa, do júbilo que aquece verdadeiramente o nosso coração. Disto se vê a presença de Jesus naquela festa. Que seja uma festa bonita, mas com Jesus! Não com o espírito do mundo, não! E sente-se quando o Senhor está presente!

Mas, ao mesmo tempo, é bom que o vosso matrimônio seja sóbrio e permita salientar aquilo que é verdadeiramente importante. Algumas pessoas estão mais preocupadas com os sinais exteriores, com o banquete, com as fotografias, com as roupas e com as flores... Trata-se de elementos importantes numa festa, mas somente se forem capazes de indicar o motivo autêntico da vossa alegria: a bênção do Senhor sobre o vosso amor! Fazei com que, como no caso do vinho das Bodas de Caná, os sinais exteriores da vossa festa revelem a presença do Senhor e vos recordem, tanto a vós como a todos os presentes, a origem e o motivo da vossa alegria.

No entanto, há algo do que tu disseste que desejo frisar imediatamente, porque não quero deixar passar. O matrimônio é também um trabalho para realizar em cada dia, poderia dizer um trabalho artesanal, uma obra de ourivesaria, uma vez que o marido tem a tarefa de fazer com a sua esposa seja mais mulher, e a esposa tem o dever de fazer que com que o marido seja mais homem. É preciso crescer também em humanidade, como homem e como mulher. É isto que deveis fazer entre vós. E isto chama-se crescer juntos. Isto não provém do ar! É o Senhor que o abençoa, mas deriva das vossas mãos, das vossas atitudes, do vosso estilo de vida, do modo como vos amais um ao outro. Deveis fazer-vos crescer um ao outro! Fazer com que o outro prospere sempre. Trabalhar para isto. E assim, sei lá, penso em ti que um dia caminharás pela rua da tua cidade e as pessoas dirão: “Mas olha como é bonita aquela mulher, como é exemplar!”. “Com o marido que tem, compreende-se!”. E também a ti: “Olha como ele é!”. “Com a esposa que tem, compreende-se!”. É isto, é preciso chegar a isto: fazer crescer um ao outro. E os filhos receberão esta herança de ter tido um pai e uma mãe que cresceram juntos, fazendo-se — reciprocamente — mais homem e mais mulher!

## **PARA REFLETIR E PARTILHAR**

1. Que aspectos o Papa Francisco enfatiza como importantes para um relacionamento a dois?
2. Quais desses aspectos você tem dificuldade de vivenciar?
3. Destaque os pontos que, segundo seu olhar, devem ser exercitados desde o namoro a fim de preparar um relacionamento mais maduro. Como deseja concretamente exercitá-los?

4. Partilhe com o(a) namorado(a) e comparem suas respostas.

5. Partilhe com o formador pessoal e comunitário suas descobertas e o fruto delas.

Que o Senhor os abençoe neste tempo e conduza seus passos em direção à realização de Sua sábia vontade em suas vidas. Vontade esta que é sempre amor!



## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Felipe. *Problemas no namoro*. Lorena: Editora Cleofas. 8ª. Edição. 2012

CENCINI, Amedeo. *Celibato e Virgindade Hoje - Para uma Sexualidade Pascal*. São Paulo: Editora Paulus, 2005

CIFUENTES, Rafael Llano. *A maturidade*. São Paulo: Editora Quadrante, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

CANTALAMESSA, Raniero. *As duas faces do amor - Primeira Pregação da Quaresma*. 25-03-2011.

GEOFFROY-MARIE, Père; Le Gendre, Alain et Elodie. *Le Couple Durable - Oser les fiançailles, construire son couple aujourd'hui*. Edição Sarment. Editions du Jubilé.

MANENTI, Alessandro. *O Casal e a Família*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

PAPA JOÃO PAULO II. *Encíclica Sexualidade, verdade e significado*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

PAPA BENTO XVI. Encíclica: *Deus Caritas Est*. Editora Paulus, 2009.

*Teologia do Matrimônio*. Compêndio. Aparecida: Editora Santuário, 2009.

---

## Notas

[1]. Acerca do Discernimento da Forma de Vida: “Tecendo o Fio de Ouro”, Maria Emmir Nogueira, Ed. Shalom, 3ª parte. Acerca do melhor conhecimento de cada estado de vida: “Belo é o Amor Humano”, Maria Emmir Nogueira, Ed. Shalom.

[2]. Respectivamente: promessas temporárias no celibato e consagração definitiva no celibato e ingresso no seminário, acolitato, leitorato, diaconato, sacerdócio.

[3]. Pregação de Moysés Azevedo, proferida no Centro de Evangelização Shalom da Paz, aos formadores comunitários da Comunidade Shalom. Mantido o tom coloquial.

[4]. Pregação de Moysés Azevedo, proferida no Centro de Evangelização Shalom da Paz, aos formadores comunitários da Comunidade Shalom

## Table of Contents

[Expediente](#)

[Apresentação](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[Parte I](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[Parte II](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[Parte III](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[ANEXO](#)

[FONTES BIBLIOGRÁFICAS](#)

[Notas](#)



# Índice

Expediente	3
Apresentação	4
Dedicatória	7
Introdução	8
Parte I	9
CAPÍTULO 1	10
CAPÍTULO 2	22
CAPÍTULO 3	29
Parte II	34
CAPÍTULO 4	35
CAPÍTULO 5	38
CAPÍTULO 6	42
Parte III	67
CAPÍTULO 7	68
CAPÍTULO 8	71
CAPÍTULO 9	79
ANEXO	87
FONTES BIBLIOGRÁFICAS	93
Notas	94